NÚMERO ESPECIAL

MOVIMENTO 25 de Abril

boletim informativo DAS FORÇAS ARMADAS

Direcção: COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DO M.F.A.

N.º 16 — 23 ABRIL 1975 | Preço 2$50 | 5.ª DIV./EMGFA Rua da Cova Moura, n.º 1 | DISTRIBUIDO POR "O SÉCULO" | FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO NO INSTITUTO HIDROGRAFICO — RUA DAS TRINAS, 49 — LISBOA

COMISSÃO DE INQUÉRITO

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

1. RAZÕES DESTE RELATÓRIO

A Comissão de Inquérito, nomeada pelo Conselho da Revolução, consciente da grave responsabilidade que assumiu perante o Povo Português, decidiu, depois de ponderadas todas as vantagens e inconvenientes, que para satisfação da opinião pública nacional e internacional se torna imperioso dar uma explicação prévia ao País e apresentar também os resultados da sua actuação.

As averiguações levadas a efeito até esta data permitem desde já enviar ao Tribunal Militar Revolucionário os processos sumários de muitos dos implicados (Anexo 1). É óbvio que competindo ao Tribunal o julgamento, esta Comissão limitar-se-á a apresentar factos objectivos, concretos e comprovados até ao momento, sem prejuízo do prosseguimento da missão que lhe foi cometida.

Esta missão consiste, em síntese, na procura de todas as raízes, de todas as cumplicidades, sem discriminações de qualquer natureza nem limitações de qualquer espécie, pois que o processo revolucionário em curso exige que a justiça seja igual para todos os cidadãos qualquer que seja a sua posição social.

Missão difícil e complexa que exigirá grande determinação, firmeza, serenidade e persistência dos membros da Comissão e uma colaboração decidida de todos os que querem contribuir para a construção dum Portugal autêntico e amplamente democrático.

2. PREPARAÇÃO DO GOLPE

2.1. Generalidades

Os acontecimentos contra-revolucionários de 11 de Março representam o culminar da mais gigantesca campanha que as forças do capital internacional e nacional, grande burguesia financeira e industrial e seus aliados montaram contra a jovem e nascente democracia portuguesa. Nessa campanha foram empenhados grandes recursos políticos, económicos e militares adaptados às circunstâncias específicas do nosso País mas inspirando-se em modelos já ensaiados em tantos países onde governos progressistas foram derrubados.

Com efeito, a revolta militar desencadeada pelo M. F. A. em 25 de Abril pode considerar-se a consequência da longa e árdua luta do Povo Português contra a ditadura fascista e da luta dos povos das colónias pela sua libertação. No entanto o grande capital internacional e nacional aceitou sem grandes sobressaltos ou inquietações o derrube de Tomás e Caetano por se julgar com o poder de manobra suficiente para continuar a sua exploração desenfreada ainda que utilizando meios mais sofisticados de repressão das classes exploradas.

É nesta óptica que se devem analisar e compreender as várias tentativas de assalto do poder económico ao poder político e numa sequência e escalada cada vez mais violenta.

A crise do primeiro Governo Provisório conduzido por Spínola com a cumplicidade de Palma Carlos, o 28 de Setembro e o 11 de Março são pois as balizas que limitam períodos bem determinados da actuação das forças interessadas em inverter o processo iniciado em 25 de Abril de 1974.

2.2. Preparação da opinião pública

Pode considerar-se que o início da campanha preparatória do golpe contra-revolucionário que pode situar em 30 de Setembro de 1974 com o discurso de renúncia do ex-general Spínola, como consequência da crise de 28 de Setembro.

A partir dessa data começam as forças reaccionárias mobilizando todos os seus esforços para a retomada do poder político. Para atingir este objectivo que implicaria simultaneamente: o estabelecimento do "estado de sítio", o desmantelamento do M. F. A. e a restauração da **"ordem"** por meios repressivos, a estratégia utilizada foi fundamentalmente a "desstabilização" da situação político-social.

Na estratégia referida podem apontar-se várias tácticas de actuação de que destacamos:

— Uma gigantesca campanha tendente ao isolamento do M. F. A., procurando dar a imagem de ser exclusivamente apoiado e controlado pelo P. C. P., desprestigiando-o e tentando retirar-lhe o apoio popular;

— Uma intensificação da campanha anti-comunista fazendo despertar ou alimentando receios injustificados, resultantes do obscurantismo político em que se viveu quase meio século, e identificando outros partidos e organizações como órgãos do P. C. P.;

— Uma obstrução contínua às leis do Governo e ao saneamento da administração pública;

— Uma sabotagem sistemática aos comícios dos partidos da direita, mobilizando grupos de agitadores, tendente a criar uma atmosfera de violência e de agudização das tensões sociais procurando ainda identificar como responsáveis os partidos da esquerda e comprometer o Governo Provisório e M. F. A. pela sua branda actuação;

— Uma polarização da opinião pública nacional através de determinados órgãos de informação, de modo a explorar linhas de orientação política diversas, auscultadas a nível governamental e as diversas correntes de opinião manifestadas nas Assembleias e no Conselho dos Vintes;

— Uma polarização negativa da opinião pública internacional para o processo de democratização em curso no País, por forma a incrementarem as pressões externas tendentes a entravar a evolução política e a levar a uma retracção de capitais;

— Uma actuação sistemática e consciente na agudização dos conflitos estudantis com o fim de criar uma atmosfera de indisciplina e violência;

— Uma intensificação das sabotagens económicas e financeiras fomentando o desemprego e exacerbando os conflitos de trabalho;

— Uma campanha caluniosa no estrangeiro junto dos núcleos de emigrantes com o fim de evitar o envio das suas remessas habituais e que têm um peso significativo na economia nacional;

— Uma actuação tendente a cavar ainda mais profundamente o abismo existente entre o Povo e as Forças Militarizadas (P. S. P.-G. N. R.) o que conduziu a um aumento de violência nas ruas;

— Uma campanha alarmista na qual se pode inserir a previsão de guerra civil noticiada pela imprensa estrangeira por personalidades políticas responsáveis (Anexo 2);

Uma actuação sistemática nas unidades militares de modo a aumentar a indisciplina e a sua inoperatividade permitindo a criação de um estado psicológico que levasse a uma tomada de posição pelos mais conservadores (Anexo 3);

— Uma tentativa de apresentar o ex-general Spínola como um possível salvador da situação nacional e aglutinador de forças políticas importantes. A entrevista de Spínola ao *Expresso* em 4 de Janeiro de 1975 é significativa: pensa regressar à vida política e a fórmula usada tinha a vantagem de cobrir as posições de determinados partidos (Anexo 4).

As tácticas utilizadas iam resultando plenamente, verificando-se nos dois últimos meses um clima de instabilidade, agitação e confrontação, fruto das contradições da nossa sociedade e da indefinição do processo português.

Todas estas campanhas foram levadas para dentro do M. F. A. no intuito de dividir para reinar. Esta cegueira tocou as raias do absurdo e pode ser analisada e interpretada pelo que veio a lume em diversos órgãos de informação (Anexo 5).

2.3. Preparação Específica

Um dos objectivos das forças contra-revolucionárias nacionais e internacionais consistia em fazer um levantamento spinolista que conduzisse o ex-general ao poder. Em consequência da preparação já anteriormente referida inicia-se claramente a conspiração contra-revolucionária.

A partir de Janeiro, em Massamá, Quartel-General dos conspiradores, processam-se frequentes contactos dos elementos spinolistas com o ex-general. Não obstante a quinta dispor de um aperfeiçoado sistema de segurança baseado em medidas passivas (armadilhas) e activas (forças da G. N. R.) alguns "oficiais de confiança" oferecem-se voluntariamente para reforçar a segurança pessoal de Spínola (Anexo 6).

Alguns destes oficiais têm ligações estreitas com personalidades civis e militares de diversas embaixadas, com alguns partidos políticos e com alguns elementos da alta finança.

Também em Janeiro, se não antes, é elaborado o discurso de Spínola onde se pode verificar a linha política anti-democrática que pretendia impor ao País quando assumisse o Poder por meios violentos (Anexo 7).

Paralelamente os oficiais spinolistas desencadearam nas Unidades e outros Estabelecimentos Militares, a exploração e preparação psicológica, inicialmente referida, baseando-se fundamentalmente nos problemas levantados com a unicidade sindical, a institucionalização do M. F. A. e a inoperância do Governo. Esta campanha visava a aderência dos oficiais menos esclarecidos politicamente, conservadores ou mesmo reaccionários.

Em Fevereiro é decidido a institucionalização do M. F. A. tendo, na Assembleia dos 200, sido definidos sete pontos que deviam constar na Plataforma de Acordo com os Partidos Políticos. Entre esses destacava-se o de o Presidente da República ser da confiança do M. F. A. Os spinolistas contestaram veementemente este ponto por verem nele a impossibilidade do ex-general Spínola vir a conquistar o Poder Político por via eleitoralista. Assim, consideram que a única hipótese que lhes resta para a conquista do Poder Político é a insurreição armada.

Elementos conspiradores fazem um mal elaborado estudo de situação (Anexo 8).

Como consequência lógica deste estudo de situação são estabelecidos uma série de contactos a fim de avaliar as prováveis forças aderentes. Paralelamente grupos de oficiais da linha progressista do M. F. A., pressentindo a possibilidade e iminência do golpe spinolista, fazem discretamente a avaliação de forças que permitisse uma resposta pronta e eficaz.

Os elementos spinolistas sentem-se vigiados e as suas actividades conspiratórias começam a ser do conhecimento da opinião pública nacional e internacional (Anexo 9).

Em 8 de Março o Conselho dos Vinte decide efectuar a institucionalização do M. F. A. no dia 25 de Abril.

Esta decisão, conjuntamente com a fuga de informações já referida e a chegada também neste dia aos Serviços de Informação Militares duma notícia de que a contra-revolução estava em Tancos obriga os conspiradores a desencadear o golpe antes que os Serviços de Informação tivessem possibilidade de confirmar a notícia.

Para aliciar os indecisos ou os bem-intencionados e pouco esclarecidos politicamente é referida a existência duma operação a ser desencadeada pela L. U. A. R. a partir do R. A. L. 1 (com a colaboração de "Tupamaros") designada por "MATANÇA DA PÁSCOA" e que consistia na eliminação de 500 militares e 1000 civis.

Esta notícia é trazida de Espanha, no dia 10, pelo tenente Rolo que refere ter-lhe sido comunicada pela D. G. S. espanhola, tendo Spínola posteriormente declarado que essa informação estava de acordo com a que lhe tinha sido transmitida pelos Serviços Secretos Franceses.

(Cont. na pág. 2)

RELAÇÃO DOS ANEXOS

ANEXO 1 — Relação dos implicados no golpe contra-revolucionário.
ANEXO 2 — Contestação das declarações de responsáveis políticos prestadas a órgãos de informação estrangeiros pelo Sr. capitão Pinto Soares.
ANEXO 3 — Factos retirados dum depoimento prestado por um declarante que se diz aderente do M. R. P. P.
ANEXO 4 — Entrevista de Spínola ao *Expresso* em 4 de Janeiro de 1975, análise dessa entrevista no *Expresso* de 11 de Janeiro de 1975.
ANEXO 5 — A imprensa em vésperas do golpe.
ANEXO 6 — Relatório da diligência da G. N. R. em Massamá e o plano extraordinário de defesa.
ANEXO 7 — Rascunho do discurso de Spínola.
ANEXO 8 — Estudo da Situação.
ANEXO 9 — A imprensa denuncia a iminência do golpe.
ANEXO 10 — Plano de Operações.
ANEXO 11 — Documentos diversos.

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

(Cont. da pág. 1)

Note-se que de há muito vinham a ser estabelecidos frequentes contactos em Espanha, onde se encontram numerosos ex-agentes da P. I. D. E.-D. G. S. Admite-se como muito provável que o primeiro-tenente Nuno Barbieri, filho do inspector Barbieri da ex-P. I. D. E.-D. G. S., não seja estranho a estes contactos tanto mais que toma parte com um grupo de civis no ataque a Porto-Alto e mantinha muito frequentes contactos com o primeiro-tenente Rolo.

Saliente-se ainda o que se transcreve dum depoimento referente aos detidos da P. I. D. E. em Caxias:

"... o ambiente nas vésperas do golpe contra-revolucionário de 11 de Março de 1975 era de euforia e que se faziam projectos de eliminação de algumas individualidades, entre as quais o Primeiro-Ministro, Brigadeiro Otelo e inclusivamente o Senhor Presidente da República.

...

Que na lista dos indivíduos a eliminar, constava também Mário Soares e Salgado Zenha e que dos comunistas não escapava nenhum, uma vez que se apoderariam das listas de legalização de partidos. Que o próprio Spínola serviria apenas para agora mas que mais tarde seria igualmente "arrumado."

São contactados grupos de civis (participantes na operação de neutralização da estação do Rádio Clube em Porto Alto) e militares com a indicação de que se deveriam reunir na B. A. 3 em Tancos, na madrugada de 11 de Março.

Nesta madrugada é gizado apressadamente um Plano de Operações (Anexo 10). Como argumento, para provocar adesões de última hora dos militares pouco esclarecidos, afirma-se que o Presidente da República, os Chefes de Estado-Maior da Força Aérea e do Exército e alguns membros do Conselho dos Vinte estavam ao corrente da operação que ia ser desencadeada

3. EXECUÇÃO DO GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

3.1. Descrição geral dos acontecimentos

MARÇO DIA 8

17,00 — Praça das Flores — Através de contactos efectuados principalmente por Miguel Champalimaud e tenente Nuno Barbieri reunem-se vários indivíduos, entre outros coronel Durval de Almeida, José Vilar Gomes, João Alarcão Carvalho Branco, José Carlos Champalimaud, tenente Nuno Barbieri e Miguel Champalimaud tendo estes dois últimos dito aos restantes que estava planeada uma operação de grupos de extrema-esquerda, denominada "Matança da Páscoa", na qual seriam mortos cerca de 1500 civis e militares entre os quais o ex-general Spínola.

Seria necessário assim desencadear uma acção para neutralizar essa operação e que seria necessário também acompanhar o ex-general para Tancos donde se desencadearia toda a acção.

MARÇO DIA 9

22,00 — Praça das Flores — Reunem-se novamente alguns dos indivíduos mencionados anteriormente, com outros aguardando neste local instruções para seguirem para Tancos.

Rua Jau — Alcântara — Ao mesmo tempo desenrola-se uma reunião de militares, entre os quais o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente-coronel Xavier de Brito, ex-tenente-coronel Quintanilha de Araújo, ex-major Silva Marques, tenete Nuno Barbieri e ex-tenente Carlos Rolo onde este confirma a "Matança da Páscoa" por notícias colhidas em Espanha, nos Serviços de Seguridad Espanhola, donde chegara naquele momento. Estes elementos decidem dar conhecimento e alertar o ex-general Spínola dirigindo-se para Massamá.

MARÇO DIA 10

00,00 — Rua Jau — Alcântara — Entretanto, por ordem do tenente Nuno Barbieri, o alferes Jorge de Oliveira dirige-se à Praça das Flores onde indica aos presentes que se devem dirigir para a Rua Jau onde se encontram com outros indivíduos, já contactados: José Vilar Gomes, Miguel Champalimaud, António Simões de Almeida, João Alarcão Carvalho Branco, José Carlos Champalimaud, António Ribeiro da Cunha, Gonçalo Bettencourt Ávila e Eurico Vilar Gomes que permanecem neste local até lhes serem indicadas missões concretas.

02,15 — Massamá — Chegam à residência do ex-general Spínola o general Tavares Monteiro, coronel Duarval de Almeida, tenete-coronel Xavier de Brito e ex-tenete-coronel Quintanilha onde falam com o ex-general Spínola, a quem comunicam o que sabem. É-lhes, por este, respondido já ter conhecimento desses factos através dos Serviços Secretos Franceses. Entretanto o tenente Nuno Barbieri, ex-tenente Carlos Rolo, e ex-major Silva Marques planeiam o ataque ao emissor do Rádio Clube Português em Porto Alto.

Depois destes contactos o general Tavares Monteiro e coronel Durval de Almeida dirigem-se para as traseiras da Igreja de S. João de Deus onde se encontram com o tenente Nuno Barbieri que entretanto fora à Rua Jau trazendo consigo António Ribeiro da Cunha, José Vilar Gomes e Miguel Champalimaud que passam a fazer escolta armada àqueles três oficiais nos diversos contactos que fazem em seguida.

10,30 — Lumiar — General Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida, tenente Nuno Barbieri e os indivíduos que compõem a sua escolta dirigem-se para casa do major Sá Nogueira, no Lumiar, onde almoçam e donde fazem contactos nomeadamente com o ex-comandante Alpoim Calvão e ex-comandante Rebordão de Brito.

15,00 — Aeroporto — Dirigem-se ao Aeroporto o general Tavares Monteiro, coronel Durval de Almeida e José Vilar Gomes onde se encontram com o tenente-coronel Xavier de Brito e ex-tenente-coronel Quintanilha que vinham de fazer vários contactos com Unidades. Daqui seguem novamente para o Lumiar onde vão chegando mais indivíduos como o ex-comandante Calvão, ex-major Silva Marques, ex-tenente Anaia e ex-tenente Carlos Rolo.

Nesta reunião é feito o ponto da situação avaliando-se as forças que estão do lado dos revoltosos e meios disponíveis. Definidas as missões de cada um, os presentes vão abandonando o local ficando combinado o encontro de todos eles e do grupo de civis que se encontravam ainda na Rua Jau, na portagem da A. E. de Vila Franca de Xira, onde esperariam pela chegada do ex-general Spínola, seguindo daí para Tancos.

21,30 — Massamá — Fazendo-se transportar num Mercedes alugado, o ex-genenral Spínola dirige-se para a portagem da A. E. de Vila Franca de Xira, disfarçado com barbas postiças, acompanhado de uma escolta composta por civis armados.

22,00 — Portagem da A. E. — O ex-general Spínola, e seus acompanhantes, partem com destino a Tancos donde será desencadeado o golpe contra-revolucionário de 11 de Março.

22,30 — O brigadeiro Morais, comandante da Região Militar de Tomar, desloca-se a Santarém e procura o coronel Alves Morgado, comandante da E. P. C., tentando aliciá-lo. Não conseguindo a adesão pretendida, insiste, através de um contacto telefónico, cerca de 3 quartos de hora mais tarde. O novo encontro tem lugar junto do café Central. Esta tentativa não logrou melhor êxito, mas o coronel Morgado não denuncia as intensões dos contra-revolucionários.

Terceira insistência é tentada na manhã seguinte, através de um enviado do brigadeiro Morais — o capitão Veloso e Matos.

23,00 — No Restaurante da "Fateixa", em Carcavelos, o tenente-coronel Xavier de Brito encontra-se com o tenente-coronel Almeida Bruno que, para o efeito, convocou o major Monge e capitão Luz Varela. O objectivo deste encontro foi tentar aliciar o tenente-coronel Bruno e o major Monge.

MARÇO DIA 11

00,00 — Tancos — Começam a chegar à B. A. 3 os elementos conspiradores que se reunem em casa do major Martins Rodrigues.

01,40 — É montado um sistema de segurança da Unidade e é regulada a entrada de elementos vários que entretanto chegavam e cujas viaturas não eram revistadas.

02,00 — Com a presença dos principais responsáveis pelo golpe, é feito o ponto da situação e o planeamento das operações a desencadear durante a manhã.

09,00 — São feitos "breefings" ao pessoal. O ex-general Spínola faz uma alocução aos pilotos dos helicópteros e dos T-6, em que se afirma estar a assistir-se à prostituição das Forças Armadas e ser necessário intervir para manter a "continuidade" e a "pureza" do processo desencadeado no 25 de Abril.

Os meios aéreos destinados a atacar o R. A. 1, aviões T-6, helicópteros e helicanhões, começam a ser municiados.

10,45 — Descolam os primeiros meios aéreos destinados a atacar o R.A.L.1. Estes meios eram constituidos por 2 T-6, 8 helitransportadores, com 40 pára-quedistas e 2 helicanhões. Quase simultaneamente, descolam 3 Nordatlas com 120 pára-quedistas destinados a cercar o R.A.L. 1. Mais tarde outra parelha de T-6 descolou com o fim de sobrevoar Lisboa a baixa altitude em acção de intimidação.

11,30 — Todas as Unidades da Força Aérea estão de prevenção rigorosa.

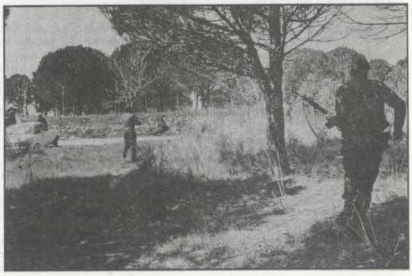
11,45 — Cerca das 11,45 horas deslocam-se à B. A. 3, de helicóptero, o brigadeiro Lemos Ferreira e o tenente-coronel Sacramento Marques, como delegados do C. E. M. F. A. e C. E. M. E., para procurarem esclarecer a situação.

11,50 — R. A. L. 1 — Esta Unidade é atacada pelos contra-revolucionários que na sua missão vêm a atingir as casernas dos soldados e os principais edifícios do aquartelamento, resultando um morto e 14 feridos. Neste ataque são consumidas 220 munições de metralhadoras dos T-6, calibre 7,7, 318 munições de MG-151 dos

(Cont. na pág. 3)

Pormenores do ataque ao R. A. L. 1

Tropas transportadas em blindados saem do R. A. L. 1 para tomarem posições de defesa, ao mesmo tempo que são vitoriadas por populares que rapidamente haviam ocorrido às proximidades da unidade militar visada pelas forças reaccionárias



Forças militares da defesa terrestre do COPCON no Alto Duque tomam posições

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

MFA

(Cont. da pág. 2)

helicanhões, 20 mm e 99 foguetes Sneb, 37 mm, antipessoal.

12,00 — Aeroporto — É encerrado o tráfego civil.

Quartel do Carmo — Oficiais da G. N. R. no activo e outros já afastados do serviço, comandados pelo general Damião, prendem o comandante-geral e outros oficiais.

12,20 — Tancos — Descolam dois helitransportadores e um helicanhão com destino ao emissor do Rádio Clube Português no Porto Alto.

12,50 — Lisboa — A 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. emite a seguinte mensagem a todas as Unidades do Exército, Armada, Força Aérea, G. N. R., P. S. P. e G. F.:

"O COPCON, a Comissão Coordenadora do M. F. A. e a 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. alertam todas as unidades para se colocarem em estado de mobilização para destruir forças rebeldes contra-revolucionárias que neste momento atacam unidades do M. F. A.."

Este rádio foi seguido de outro semelhante enviado para comandos militares das Ilhas Adjacentes e África.

13,00 — Porto Alto — Um grupo de civis armados e comandados por 2 militares atacam o emissor do Rádio Clube Português, interrompendo a emissão desta estação em onda média.

Os assaltantes faziam-se transportar em 2 helicópteros seguindo num o ex-major Silva Marques, António Simões de Almeida, João Alarcão Carvalho Branco e José Carlos Champalimaud e no outro o primeiro-tenente Nuno Barbieri, José Vilar Gomes, Eurico Vilar Gomes, António Ribeiro da Cunha e Miguel Champalimaud.

Deste ataque resultou a paralização da emissão e destruição de material de elevada monta.

O ex-general Spínola tenta aliciar, pelo telefone, o major Jaime Neves, comandante do Batalhão de Comandos n.º 11, que lhe responde só obedecer à hierarquia a que está sujeito: o COPCON, com quem aliás já tinha estado em contacto. Spínola procura, ainda, falar com o tenente-coronel Almeida Bruno que está presente, mas que se esquiva.

Pouco antes ou depois desta diligência o ex-general estabelece contacto com o tenente-coronel Ricardo Durão tentando obter por via deste e do capitão Salgueiro Maia, a adesão da E. P. C. O capitão Maia não atende este telefonema.

13,10 — Lisboa — A Emissora Nacional interrompe a sua programação normal e passa a transmitir directamente do Centro de Esclarecimento e de Informação Pública da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., aconselhando a população de Lisboa a manter-se calma e vigilante em união com o M. F. A. e seus órgãos representativos.

13,20 — O major Rosa Garoupa telefona para o major Casanova Ferreira, comandante da P. S. P. de Lisboa, a pedir-lhe a ocupação do Rádio Renascença e que pusesse "no ar" esta Emissora (na altura em greve) com o fim de transmitir comunicados dos contra-revolucionários, acções que se não concretizaram.

13,30 — Lisboa — É transmitido pela E. N. o primeiro comunicado da 5.ª Divisão nos seguintes termos: "Vamos dar uma notícia concreta: 2 aviões e 2 hélis atacaram o R. A. L. 1, unidade afecta e fundamental do M. F. A. Este ataque foi cerca das 12 horas. Portanto, são elementos pára-quedistas e outros elementos das Forças Armadas que se sublevaram contra a ordem democrática instaurada desde o 25 de Abril. Mais uma vez o M. F. A. e o POVO devem e têm de estar unidos, alerta e vigilantes contra estas manobras que não podem vingar de maneira nenhuma. Acreditamos e estamos confiantes e pedimos a vigilância popular em união com os órgãos representantivos do M. F. A., nomeadamente a sua Comissão Coordenadora, 5.ª Divisão do E. M. G. F. A., e Comandante Adjunto do COPCON, Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho". Os diversos comunicados da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. tiveram papel importante no esclarecimento de militares que nas unidades desconheciam o que se passava.

13,30 — Uma força da G. N. R. constituída por 5 moto-blindados aparece nas imediações do G. D. A. C. I., tentando ocupar e desligar a antena da R. T. P. em Monsanto.

Foram interpelados e intimados a retirar por forças do COPCON o que fizeram imediatamente.

14,45 — É transmitido o primeiro comunicado emanado do Gabinete do Primeiro-Ministro do seguinte teor:

"Esclarece-se a população terem-se verificado hoje, de manhã, incidentes envolvendo forças militares reaccionárias em tentativa desesperada de travar o processo revolucionário iniciado a 25 de Abril. Tais incidentes consistiram numa tentativa de ocupação do R. A. L. 1, envolvendo meios aéreos e terrestres. A situação encontra-se sob controle, pelo que se apela para que a população se mantenha calma, sem abrandar contudo a sua vigilância. A aliança entre o Povo e as Forças Armadas demonstrará, agora como sempre, que a revolução é irreversível".

15,00 — Soldados e sargentos da B. A. 3 amotinam-se contra os conspiradores e arrombam as viaturas civis utilizadas pelos elementos estranhos donde retiram armamento.

Dá-se início à fuga de Spínola e acompanhantes que se fazem transportar num héli para o R. C. P.

15,15 — R. A. L. 1 — A grande maioria dos pára-quedistas que atacaram o R. A. L. 1 depõem as armas e juntam-se aos camaradas desta Unidade.

— Lisboa — O Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho dá conta ao País da normalização da situação:

"Neste momento, o que se pode dizer é que cerca das 12 horas o R. A. L. 1 foi sobrevoada por dois aviões T-6 e quatro helicópteros que inopinadamente bombardearam as instalações do quartel. Houve alguns feridos. Esta operação foi seguida dum desembarque de pára-quedistas. As forças de pára-quedistas mal tinham a noção do que estavam a fazer; podem ter sido ludibriadas pelos responsáveis que lhes teriam dito que o R. A. L. 1 estava ocupado por tropas inimigas do 25 de Abril e que estaria dominado pelos comunistas, como sempre dizem nestas circunstâncias. Prova é que os pára-quedistas entraram hoje em ligação fácil com os populares que tinham ali acorrido.

Todas as forças do Exército se portaram muito bem. Tenho ainda neste momento forças de reserva que não necessitei utilizar.

A situação está dominada excepto no quartel do Comando da G. N. R., no Carmo, que alguns oficiais tomaram de assalto, prendendo o comandante Pinto Ferreira".

E a terminar, Otelo Saraiva de Carvalho, sereno, com ar confiante, afirmou:

"A situação está perfeitamente calma. (...)

Quanto aos responsáveis do sucedido, eles serão exemplarmente castigados.

As forças do Exército, no país estão totalmente serenas e com o M. F. A. O COPCON vive um curto clima de agitação mas também de tranquilidade".

E terminou, apelando para a população:

"As massas populares devem manter-se vigilantes, mas calmas, não aderindo a movimentos de extremistas. Em qualquer momento que as Forças Armadas não controlem a situação, não hesitarei em lançar mão do auxílio precioso das massas populares. A democracia é ainda muito jovem e é preciso lutar de dentes cerrados contra todos estes ataques.

Que as massas populares não tomem medidas extremistas e desnecessárias".

17,15 — O primeiro-ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, dirige, pela TV e Rádio, uma alocução ao povo português:

"Uma minoria de criminosos lançou homens das Forças Armadas contra homens das Forças Armadas, que é o maior crime que hoje se pode perpetrar em Portugal.

Beneficiando da grande benevolência que os generosos obreiros do 25 de Abril têm tido para com os seus inimigos, tentaram dividir o País, ao serviço das forças reaccionárias para que tantas vezes tem sido chamada a atenção. Espero que isto seja uma verdadeira lição para todos os portugueses, para os partidos políticos, para os sindicatos, para as Forças Armadas, para todos os patriotas. Os nossos verdadeiros inimigos são, de facto, a reacção e os fascistas. E a reacção traduz-se na prática por aqueles que se opõem ao desenvolvimento e ao progresso da nossa Pátria dentro do Programa das Forças Armadas e no sentido que o M. F. A. lhe tem procurado imprimir. São todos aqueles que quotidianamente travam este processo revolucionário, quer ao nível de repartições públicas, que ao nível das cúpulas, a todos os níveis; essa luta quotidiana que todos os democratas travam contra os seus inimigos é que significa a luta que o povo português trava contra a reacção.

Eu daqui exorto as massas trabalhadoras para que não se deixem desunir nos seus sindicatos; para que se unam, para que vejam bem onde estão os seus inimigos e os seus amigos.

A unidade das massas trabalhadoras é indispensável à consolidação da revolução democrática portuguesa.

No momento em que estávamos a ser atacados, estava-se preparando uma greve nos TAP; é preciso que os trabalhadores dos TAP, por exemplo, entre outros, tomem bem consciência dos perigos que correm ao dividir-se, ao cindir-se do M. F. A. e que estejam alerta para quem os divide.

Os trabalhadores devem tirar todas as conclusões desta tentativa reaccionária de lançar F. A. contra F. A.; de lançar camaradas de armas contra camaradas de armas, servindo-se das maiores mentiras, de ignominias; lançando homens honrados em aventuras, condenadas, antecipadamente, ao fracasso porque o M. F. A. tem consigo a esmagadora maioria das massas trabalhadoras e dos patriotas portugueses.

Também os partidos políticos é bom que tirem as ilações da situação que acabamos de viver. Em lugar de se lançarem em lutas, uns contra os outros, em lugar de se dividirem que se unam. Unam-se em volta da bandeira da nossa Pátria, unam-se em volta do verdadeiro progresso da nossa Pátria com as ideias revolucionárias que traz o programa das F. A.

Os partidos políticos têm obrigação de tirar bem a ilação deste acontecimento.

Por outro lado, as forças progressistas desses mesmos partidos políticos apoiaram-se nestes momentos. Devemos reconhecê-lo e mais uma vez afirmar que a revolução portuguesa só pode marchar em frente em estreita aliança do M. F. A. com os partidos políticos progressistas e patrióticos que verdadeiramente estão interessados na mudança de rumo da vida política, económica e social portuguesa.

A todos os portugueses, a todos os patriotas, quer os trabalhadores, quer a pe-

Manifestações populares junto ao quartel da G. N. R. no Carmo

Manifestações populares em Lisboa

O armamento levado pelos fugitivos com o qual protegeram a sua fuga

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

quena burguesia, quer os pequenos comerciantes, os quadros, os médios comerciantes, peço que vejam bem as aventuras para que os nossos inimigos nos podem lançar e que tenham confiança no M. F. A., que está atento e em ligação estreita com o povo português e não permitirá que a reacção volte a dominar este País.

Viva Portugal."

17,30 — O Presidente da República, através da E. N. emite um comunicado:

"O Presidente da República e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas — General Costa Gomes — através da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. dirige-se e informa a população de que a aventura contra-revolucionária que levou uma unidade de tropas pára-quedistas a atacarem o Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1 (R.A.L. 1)—na Encarnação (no limite de Lisboa), foi conduzida por traição de alguns quadros, enganando e arrastando consigo os soldados e outros subordinados, com informações falsas e provocatórias que os levaram a disparar contra os camaradas do R. A. L. 1.

Dado que a situação se está a esclarecer e a tender para a normalidade, o Presidente da República alerta contra manobras de agentes provocadores que poderão aliciar e levar a população a perder a calma e serenidade, levando a uma luta fraticida que só servirá os intentos das forças reaccionárias apostadas em destruir a Democracia Portuguesa.

Que desta lamentável aventura saia mais uma vez reforçada a unidade POVO-M. F. A. e que a população portuguesa dê mais um exemplo ao mundo da sua maturidade cívica."

É transmitido novo comunicado da 5.ª Divisão do E. M. G. F. A. em que se fazia o ponto da situação militar no País:

"As 17,15 horas a situação encontra-se quase normalizada.

Em Tancos a situação está dominada e encontra-se preso o comandante do Regimento de Pára-quedistas, coronel Rafael Durão.

Entretanto fugiram de carro, certamente em direcção à fronteira, os generais Spínola e Galvão de Melo e os comandantes Alpoim Calvão e Rebordão de Brito e o primeiro-tenente Benjamim.

Apela-se para a população que, em colaboração com as Forças Armadas se mantenha vigilante nas fronteiras.

Na G. N. R., Quartel do Carmo, a situação encontra-se também normalizada, tendo conseguido evadir-se o general Damião que, ilegalmente, assumiu o comando.

Reassumiram as suas funções o general Pinto Ferreira e os coronéis Vicente da Silva e Stone.

Nas restantes Regiões Militares do País a situação mantém-se normal.

Até ao momento, só se tem conhecimento de alguns feridos na acção contra o R. A. L. 1."

19,00 — ESPANHA — Spínola, acompanhado de sua mulher e alguns militares, chega à base aérea de Talavera la Real, a 16 km de Badajoz.

22,35 — LISBOA — O Presidente da República, general Costa Gomes, dirige uma mensagem ao País:

"Dirijo-me a todos os portugueses na hora em que mais uma aventura reaccionária foi posta em marcha.

É do conhecimento geral o ambiente alarmista, onde a indisciplina social vem sendo incrementada e explorada, por agitadores profissionais e pseudo-revolucionários, ao serviço das forças da reacção, tudo servindo para criar um clima favorável e críticas conducentes ao desprestígio do M. F. A. e do Governo Provisório.

Segundo o que se encontra já apurado, a manobra reaccionária teve as seguintes linhas mestras:

1.º Criação de um clima geral de intranquilidade política e social em todo o País, como, por exemplo, a agudização de problemas de trabalho, greves nos estabelecimentos de ensino, bolcote das leis do Governo Provisório, sabotagem económica, criação de conflitos entre partidos políticos, boatos difamantes das principais personalidades do M. F. A. e do Governo Provisório.

2.º Acção militar divisionista entre Forças Armadas e Militarizadas, lançando-as numa guerra civil.

3.º Agregação a este plano de elementos civis.

A situação está sob total controle do M. F. A. Entre os responsáveis, menciono, desde já, os seguintes: general na reserva António de Spínola; general da F. A. na reserva, Rui Tavares Monteiro; general do Exército Freire Damião; capitão-tenente, na situação de licença ilimitada, Guilherme Alpoim Calvão; coronel na reserva da F. A., Durval Serrano de Almeida; capitão-de-mar-e-guerra Paulo Belmarço da Costa Santos; capitão pára-quedista Rafael Durão; coronel de infantaria na reserva Espadinha Milreu; capitão de infantaria do Q. C. Valério da Silva; capitão de cavalaria do Q.C. Lopes Mateus; capitão de infantaria do Q.C. Almeida Coelho; tenente de infantaria do Q. C. Carlos Alves; tenente de cavalaria do Q. C. Antero Rebelo; tenente de cavalaria do Q. C. Oliveira Santos; coronel de infantaria na reserva, Martiniano Gonçalves; major de cavalaria na reserva, Simões Pereira; major de cavalaria Ferreira Fernandes; major de infantaria Teotónio Pereira; tenente do Q. C. Canavarro e tenente do Q. C. Barros.

Parte destes oficiais já se encontram detidos e todos os responsáveis serão rapidamente julgados e punidos.

Agradeço ao Povo Português a adesão espontânea de todos quantos colaboraram, com recta intenção, na defesa da nossa Revolução. As Forças Armadas determino que redobrem a sua vigilância e se mantenham atentas.

Termino com um apelo nacional à colaboração que necessitamos: calma, ordem, tranquilidade e trabalho para a construção da nossa Democracia. Assim venceremos."

3.2. Actuação das unidades

BASE AÉREA N.º 3

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação da B. A. 3 no golpe contra-revolucionário sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — Cerca das 23,30 horas de 10 de Março, chega à unidade o ex-general Spínola, acompanhado do ex-tenente-coronel Quintanilha, ex-major Zuquete, e ex-tenente Rolo que se dirigem a casa (Bairro Militar) do major Martins Rodrigues. Após alguns momentos, chegam ao mesmo local o ex-brigadeiro Morais, general Monteiro, ex-coronel Amaral, ex-comandante Calvão, coronel Durão, coronel Durval, coronel Moura dos Santos, general Damião, tenente-coronel Xavier de Brito, ex-major Simas, major Garoupa e outros.

2 — Cerca das 02,30 horas do dia 11 o comandante da Base, coronel Moura dos Santos, e o coronel Amaral contactam telefonicamente o coronel Proença no Comando da 1.ª Região Aérea, tendo lugar em seguida e ainda em casa do major Martins Rodrigues uma reunião na qual se ultimam os pormenores do golpe a desencadear.

3 — Cerca das 9 horas o coronel Moura dos Santos reune alguns oficiais e sargentos da unidade, aos quais dá conhecimento do que se vai desenrolar. Simultaneamente o mesmo é feito por alguns oficiais, comandantes de esquadra, ex-major Mira Godinho, major Neto Portugal, e capitão Brogueira em relação aos pilotos das suas esquadras, atribuindo-lhes em seguida as missões respectivas.

4 — Cerca das 9,30 horas, e com a presença do coronel Moura dos Santos, ex-major Zuquete, major Mesquita, ex-major Godinho, major Neto Portugal e outros, é formulada pelo ex-general Spínola uma exortação à acção no golpe contra-revolucionário aos pilotos das esquadras de aviões T-6 e de helicópteros.

5 — Cerca das 10,45 horas, descolam 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, pilotados pelo major Neto Portugal e segundo-sargento Moreira, tendo como missão o bombardeamento das instalações do R. A. L. 1, antenas da R. T. P. e Forte do Alto do Duque.

6 — Cerca das 11,00 horas descolam 10 Allouettes III, transportando um grupo de 40 pára-quedistas. Dois dos helicópteros estão armados com canhão e têm como missão o bombardeamento do R. A. L. 1. São pilotados pelos ex-major Zuquete e ex-major Godinho, tendo aos canhões os alferes Oliveira e primeiro-cabo Carapeta, respectivamente.

Nesta operação insere-se também o lançamento sobre Lisboa de panfletos, missão que é executada por dois dos heli-transportadores, pilotados pelos capitão Oliveira e tenente Jacinto. Os restantes helitransportadores são pilotados pelos alferes Chinita, alferes Afonso, alferes Mendonça, segundo-sargento Ladeira, segundo-sargento Souto e furriel Emanuz.

7 — A mesma hora, descolam 3 aviões Nord-Atlas, transportando uma companhia de pára-quedistas (120 homens) para cerco ao R. A. L. 1.

8 — Cerca das 11,20 horas, descola, com destino a Monte Real — B. A. 5, um avião Aviocar pilotado pelo major Mesquita levando a bordo o ex-coronel Amaral e ex-tenente-coronel Quintalhia em missão de aliciamento. Regressa com estes o major Cóias da B. A. 5.

9 — A mesma hora, descolam para Lisboa 2 aviões T-6, desarmados, com a missão de intimidação. São pilotados pelos capitão Faria e alferes Melo, ambos da B. A. 7 e em diligência na B. A. 3.

10 — Cerca das 12,30, descolam 3 Allouettes, transportando 12 elementos para uma acção armada contra as antenas do R. C. P., em Porto Alto. Um dos helicópteros está armado com canhão e é pilotado pelo segundo-sargento Leitão, tendo ao canhão o segundo-sargento Holstein. Os outros dois hélis são pilotados pelos alferes Llorent e segundo-sargento Serra.

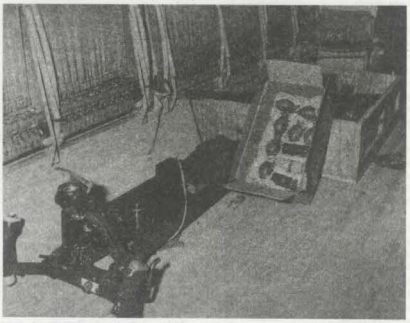
11 — Cerca das 13,00 horas, descolam 2 aviões T-6, pilotados pelos segundo-sargento Gomes da Silva e furriel Falcão. Estão armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal e têm como missão o ataque ao R. A. L. 1.

12 — A mesma hora descola um Allouette, armado com um canhão, pilotado pelo alferes Jofre, com o alferes Figueiredo ao canhão, tendo como missão o ataque ao R. A. L. 1 e outros possíveis objectivos.

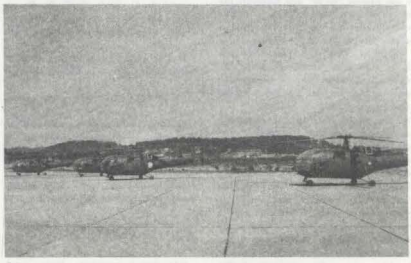
13 — Cerca das 13,30 horas, descola um helicóptero Allouette III a fim de transportar o ex-brigadeiro Morais, de Tomar para a E. P. C. e no regresso transporta, além deste, o tenente-coronel Ricardo Durão e capitão Salgueiro Maia. Aterram 5 helicópteros All III vindos da B. A. 6.

14 — Cerca das 13,50 horas, descola um helicóptero Allouette II, pilotado pelo

Bagagem pessoal do ex-general Spínola apreendida pelo pessoal da B. A. 3. Salienta-se as barbas postiças utilizadas como disfarce, e os óculos que usava para ler os discursos



Interior do aviocar que levou a "Talavera la Real" a tripulação que trouxe de regresso a Portugal os quatro hélis e transportou de Espanha as armas levadas pelos fugitivos. Vê-se o canhão desmontado do héli que protegeu do ar os fugitivos na B. A. 3



Os quatro helicópteros All III recuperados

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

tenente-coronel Quintanilha o qual se desloca com o major Cóias à B. A. 5.

15 — Cerca das 14,30 horas, descolam para Lisboa 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, pilotados pelos segundo-sargento Jordão e segundo-sargento Carvalho, tendo a missão de ataque a objectivos não apurados e intimidação da população.

16 — A mesma hora, descolam 2 aviões Nord-Atlas, transportando uma companhia de tropas pára-quedistas (75 homens) para Lisboa, para reforço da companhia anterior.

17 — Ainda à mesma hora, descolam 2 aviões Aviocar, transportando 25 homens (pára-quedistas) para Monte Real — B. A. 5.

18 — Cerca das 15,00 horas, descola um Allouette III, armado com canhão, tendo como missão o ataque às antenas da Emissora Nacional. É pilotado pelo segundo-sargento S. e Silva e leva ao canhão o capitão Jordão.

19 — A mesma hora, descolam 2 aviões T-6, desarmados, pilotados pelo alferes Melo e alferes Correia, com a missão de intimidação.

20 — Cerca das 15,30 horas, descola um Allouette III a fim de transportar o capitão Ramos à E. P. C., Batalhão de Comandos e COPCON, não executando estas duas últimas missões.

21 — A mesma hora, descolam 2 aviões T-6, armados com metralhadoras e ninhos de foguetes anti-pessoal, para ataque a objectivos ainda não identificados e intimidação da população. São pilotados pelo segundo-sargento Brandão e pelo furriel Bragança.

22 — Ainda à mesma hora, descolam 2 Alouettes III, um transportando para o Regimento de Caçadores Pára-quedistas o ex-general Spínola e alguns elementos e outro armado com canhão para protecção daquele ex-oficial durante a sua permanência naquela unidade. São pilotados pelos ex-major Zuquete e ex-major Godinho, respectivamente.

23 — Cerca das 16,20 horas, descolam 4 Allouettes III, um equipado com canhão, que faz a protecção dos restantes, nos quais efectuam a fuga os elementos já conhecidos.

REGIMENTO DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas no golpe contra-revolucionário sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — Cerca das 8,30 horas, o comandante-coronel Rafael Durão depois de determinar a entrada da Unidade na situação de prevenção rigorosa, reune os oficiais e sargentos, diligência que volta a efectuar com oficiais apenas cerca das 9,00 horas, informando-os sobre a operação que vai desenrolar-se e das forças que iriam ser empenhadas.

2 — Cerca das 10,30 horas, sai da Unidade um grupo de combate de 40 homens, comandados pelo capitão Sebastião Martins, que da Base Aérea n.º 3 é helitransportado para Lisboa, tendo como missão efectuar um heliassalto às instalações do R. A. L. 1, com desembarque a "varrer" no interior desta Unidade e após o bombardeamento da mesma por aviões T-6 e helicanhões. O desembarque deste grupo vem a verificar-se nas imediações da referida Unidade, desenvolvendo-se o ataque a partir daí.

3 — Cerca das 11,00 horas, sai uma companhia com 120 homens, comandados pelo capitão Augusto Martins o qual é acompanhado do comandante das forças empenhadas major Mensurado, que da B. A. 3 é transportada em aviões Nord-Atlas para Lisboa—A. B. 1 Têm como missão efectuar o cerco ao R. A. L. 1, imediatamente após o assalto (desembarque no interior desta do grupo helitransportado).

4 — Cerca das 13,30 horas, sai outra companhia com 100 homens, comandada pelo capitão Bação da Costa Lemos, que da B. A. 3, é transportada em aviões Nord-Atlas e Aviocar, para Lisboa—A.B. 1 (75 homens) e Monte Real—B.A.5 (25 homens). Têm como missão, em Lisboa reforçar a companhia anterior e em Monte Real assegurar a defesa da B. A. 5.

5 — Entretanto e cerca das 9,30, o coronel Rafael Durão estabelece contacto telefónico, através do qual, ordena que:

a. A companhia de pára-quedistas destacada em Lisboa no D. G. A. F. A., e comandada pelo capitão Silva Pinto, seja deslocada para o Aeroporto onde lhe compete assegurar a defesa das instalações e pistas;

b. A companhia de pára-quedistas destacada na B. A. 6 — (Montijo), comandada pelo capitão Terras Marques, assegura a defesa desta Unidade, na qual iriam aterrar e abastecer as aeronaves empenhadas no golpe com excepção dos aviões Nord-Atlas.

6 — Cerca das 15,00 horas, aterra na unidade um helicóptero pilotado pelo ex-major piloto Zuquete, transportando o ex-general Spínola, ex-comandante Calvão, ex-brigadeiro Morais e outros, os quais se reunem com o coronel Durão, vindo mais tarde a juntar-se-lhes o tenente-coronel Ricardo Durão e capitão Salgueiro Maia.

7 — Cerca das 15,15 horas e por pedido do comandante da B. A. 3, é destacada para aquela Unidade, uma companhia comandada pelos capitães Albuquerque Pinto e Valente dos Santos, tendo como missão, neutralizar o movimento das praças e sargentos que se haviam sublevado e assegurar a defesa das aeronaves.

8 — Ao longo do dia, verificam-se na Unidade, e por parte de alguns oficiais, diligências várias integradas nas operações em curso, tais como:

— Corte de comunicações para o exterior;

— Transporte de munições para a B. A. 3;

— Aliciamento de pessoal para operações tipo "golpe de mão";

— Convencimento do pessoal para o interesse do golpe em curso; etc.

REGIMENTO DE ARTILHARIA LIGEIRA N.º 1

(EXTRACTOS DO RELATÓRIO DO R. A. L. 1, ELABORADO PELO SENHOR MAJOR DE ARTILHARIA DINIS DE ALMEIDA).

Cerca das 11,55 horas foi o R. A. L. 1 violentamente atacado de surpresa por uma força constituída por dois T-6 e um número de helicópteros (2 a 4) que não posso precisar com exactidão.

Foram usados "rockets" e granadas de helicanhão de 20 mm, além de metralha diversa de calibre inferior.

Ficaram feridos diversos militares (15), com intensidade e lesões de gravidade variável. Faleceu devido à gravidade dos ferimentos recebidos, cerca das 16,00 horas de 11 de Março de 1975, o soldado Joaquim Carvalho Luís.

O ataque ao R. A. L. 1 era esperado. Contudo não sabíamos com exactidão qual a forma, o dia, a hora, e muito menos o processamento das operações em curso ... Os avisos eram repetidos, com grandes variações e extremamente desgastantes pela tensão psicológica a que éramos submetidos. Foram estudadas as posições mínimas de defesa. Careciamos de antiaéreas e de pessoal enquadrado para as ocupar ... Também assumiu particular insistência um boato de que seríamos atacados por meios aéreos pseudo-provocados por uma antiaérea colocada no exterior do quartel, manejada obviamente pelos atacantes.

A reacção ao ataque foi boa a despeito da sua intensidade. Debaixo de fogo, a companhia operacional (B. O. 88) conseguiu ocupar os três prédios fronteiriços, cuja altura (10 andares) lhes dá uma dominância total táctica sobre os arredores. Saiu ainda uma secção blindada que furou com facilidade o cerco montado pelas forças sitiantes (pára-quedistas), e se dirigiu ao Depósito Geral de Material de Guerra, colocando-o à nossa disposição.

Foram distribuídas armas à população civil ... mediante entrega ou registo da respectiva identificação ...

... Das conversações efectuadas com o major Mensurado e capitão Sebastião Martins, não me ficaram quaisquer dúvidas do conhecimento de causa com que participavam no assalto. A sua desistência no ataque deve-se apenas a dois factores importantes:

1.º A resistência encontrada, e o reconhecer que as posições mais estratégicas, designadamente os três torreões de 10 andares, se encontravam já nas nossas mãos;

2.º A quebra psicológica verificada nas suas bases (sargentos e praças), ao reconhecerem que estavam a lutar contra os interesses da população.

Durante o ataque verificou-se a fuga do major Isaías Póvoas Guiné, que abandonou o seu quartel nas horas mais graves, situação que motivou a sua expulsão do R. A. L. 1.

... O auxílio da população civil foi factor decisivo durante o ataque. A importância deste factor sugeriu-me a criação de Companhias Operacionais Permanentes, profissionais, capazes de enquadrar reservistas (milícias) em alturas críticas ...

... O C. I. A. A. C. funcionou com uma prontidão extraordinária...

BASE AÉREA N.º 5

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

O comandante da Base Aérea n.º 5 (Monte Real), coronel Naia Vélhinho, na sequência de uma indicação que lhe é transmitida de Lisboa por via normal, coloca essa base em estado de Prevenção Rigorosa cerca das 11,00 horas do dia 11 de Março de 1975. Dessa situação decorreu a manutenção em alerta dos aviões a jacto F-86, armados com metralhadoras.

Pouco depois aterra na Base um avião Aviocar vindo de Tancos (B. A. 3), o qual transporta o ex-tenente-coronel Quintanilha, então adjunto do Chefe da 2.ª Repartição do E. M. F. A., e o ex-coronel Amaral, na situação de reserva. Estes vão à presença do comandante da B. A. 5 a quem, na presença dos majores pilotos aviadores Simões e Ayala, anunciam a existência de uma operação comandada superiormente pelo ex-general Spínola e, pelo C. E. M. F. A. no caso da Força Aérea, a qual pretende "repor a pureza do espírito do 25 de Abril". O ex-tenente-coronel Quintanilha revela que a operação já se terá iniciado com um ataque aéreo ao R. A. L. 1 e pede então ao coronel Vélhinho que envie aviões F-86 para fazer passagens baixas de intimidação sobre o R. A. L. 1, Avenida da Liberdade e COPCON.

O comandante da base hesita, telefona para os seus superiores em Lisboa — donde não obtém esclarecimento — e, finalmente ordena a partida da primeira parelha de aviões a jacto F-86, cerca das 13,22 horas, comandada pelo major Ayala, a qual cumpre a missão que fora pedida ao coronel Vélhinho, sendo alvejada no COPCON.

Entretanto o major Simões faz uma sessão de esclarecimento aos pilotos da esquadra dos jactos F-86, explicando-lhes por sua vez aquilo que ouvira no gabinete do comandante da base. Nessa sessão alguns oficiais manifestam-se abertamente desconfiados e descrentes do que lhes é dito, opondo-se a colaborar naquilo que consideram um golpe das direitas.

Não obstante o comandante manda descolar a segunda parelha de F-86, comandada pelo capitão piloto aviador Calhau, o qual acabará por sobrevoar os mesmos pontos de Lisboa e ainda a estrada Santarém-Lisboa. A ambas as parelhas foi dada ordem de não abrir fogo.

Cerca das 14,35 o ex-tenente-coronel Quintanilha volta à base de Monte Real de helicóptero, seguido por dois aviões Aviocar transportando pára-quedistas; aí tenta garantir a neutralidade dessa base, ameaçando, inclusivamente, que os pára-quedistas a ocupariam.

Em seguida, quando alguns sargentos, alertados por camaradas de Lisboa, tentam prender o ex-tenente-coronel Quintanilha, este foge no helicóptero acompanhado pelos Aviocar com pára-quedistas que, entretanto, se tinham mantido sobrevoando a base de Monte Real. As três aeronaves regressam então a Tancos.

BASE AÉREA N.º 6

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

1 — Cerca das 9,40 horas por ordem do comandante, coronel piloto aviador Moura de Carvalho são postos de alerta todos os meios aéreos, os aviões Fiat-G91, helicópteros AL III, enquanto se tomam medidas para defesa imediata da Unidade, utilizando a companhia de Polícia Aérea conjuntamente com a companhia n.º 122 de pára-quedistas comandada pelo capitão Terras Marques, que se encontrava estacionada na B. A. 6.

2 — As 11,15 horas a Unidade entra de prevenção rigorosa.

3 — Cerca das 11,50 horas aproximam-se dois helicópteros AL-III, estando um armado. O héli desarmado aterra numa das ruas de acesso à placa, tendo deixado um pára-quedista ferido e cujo piloto também ferido vem a ser recuperado pelo helicanhão uns metros mais à frente.

4 — Pelas 12,00 horas é convocada pelo comandante uma reunião de oficiais.

5 — As 12,20 horas descolam 5 helicópteros com destino a Tancos (B. A. 3) tendo um deles transportado o pára-quedista ferido ao Hospital da Força Aérea no Lumiar juntando-se aos outros na Chamusca.

6 — Estes helicópteros uma vez aterrados na Base Aérea n.º 3 não têm qualquer envolvimento na acção contra-revolucionária, tendo apenas o ex-major piloto aviador Zuquete da Fonseca utilizado um deles na fuga para Espanha.

ACTUAÇÃO DO GRUPO DE ATAQUE AO EMISSOR DO RÁDIO CLUBE PORTUGÊS EM PORTO ALTO

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actuação do grupo que atacou a antena do Rádio Clube Português no Porto Alto, no golpe contra-revolucionário, sintetiza-se nas seguintes acções:

1 — A partir de 8 de Março de 1975 houve várias reuniões com a presença dos seguintes elementos civis:

— Miguel Champalimaud.
— José Carlos Champalimaud.
— António Infante Ribeiro da Cunha.
— José Maria da Costa Vilar Gomes.
— Eurico José da Costa Vilar Gomes.
— João Diogo Alarcão de Carvalho Branco.
— Gonçalo Bettencourt Ávila.
— António Simões de Almeida.
e dos seguintes militares:

— Coronel Durval Serrano de Almeida.
— Ex-major Vítor Manuel Silva Marques.
— Primeiro-tenente Nuno Barbieri.
— Alferes miliciano piloto-aviador Jorge Costa de Oliveira.

O primeiro-tenente Nuno Barbieri pede aos civis a sua colaboração para a protecção ao ex-genernal Spínola e ao general Tavares Monteiro.

2 — São constituídos dois grupos:

1.º Grupo:

— Miguel Champalimaud.
— António Infante Ribeiro da Cunha.
— José Maria Vilar Gomes.

que fazem protecção ao general Tavares Monteiro quando este faz vários contactos em Lisboa, na noite de 9 para 10 e no dia 10. Este grupo na noite de 10/11 acompanha o ex-general Spínola para Tancos.

2.º Grupo:

— José Carlos Champalimaud.
— João Diogo de Alarcão Carvalho Branco.
— Gonçalo Bettencourt Ávila.
— António Simões de Almeida.
— Alferes Jorge de Oliveira.

que fazem protecção ao general Tavares Monteiro na noite de 10/11 quando se desloca para Tancos. São acompanhados de Lisboa para Tancos pelo primeiro-tenente Nuno Barbieri, ex-major Silva Marques e coronel Durval.

3 — Em Tancos são divididos por duas equipas para, em helicópteros, assaltarem e silenciarem o Rádio Clube Português no Porto Alto.

4 — Fardam-se de camuflados e armados dirigem-se ao Porto Alto. Entram nas instalações o primeiro-tenente Nuno Barbieri, ex-major Silva Marques, Miguel Champalimaud, António Ribeiro da Cunha e José Maria Vilar Gomes. Os restantes elementos do Grupo montam a segurança à volta das instalações, enquanto estas são sobrevoadas por um helicanhão. O ex-major Silva Marques dispara rajadas sobre os geradores e é retirada uma peça do transmissor.

5 — Voltam nos hélis para a B. A. 3 e montam a segurança à pista enquanto descolam os hélis em que fogem o ex-general Spínola e acompanhantes.

6 — São postos no exterior da B. A. 3 por héli, pelo Alferes Jorge Oliveira, pondo-se em fuga. Interceptaram uma viatura para atingirem a fronteira.

7 — São detidos à saída de Portalegre.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

DESCRIÇÃO DA ACTUAÇÃO

A actividade operacional no dia 11 de Março, limitou-se ao que segue:

— As 12,30 horas é preso o comandante-geral e outros oficiais, no Quartel do Carmo.

— As 14,15 horas, um pelotão de motoblindados "Shortland" sai do quartel do Regimento de Cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, a fazer escolta ao general Damião daquele quartel para o do Carmo. Regressa cerca das 16,00 horas ao Cabeço de Bola quando o general abandona o Comando-Geral.

— As 14,25 horas sai do mesmo quartel outro pelotão de motoblindados com a missão de ocupar e desligar a antena da R. T. P. em Monsanto. Tendo encontrado o local ocupado por forças do COPCON que lhe impediram a entrada, o pelotão da G. N. R. regressou ao Quartel onde entrou cerca das 15,45 horas. O comandante deste pelotão levava uma mensagem destinada a ser transmitida pelo comando da 1.ª Região Aérea, em Monsanto, para Tancos, em que se pedia uma acção aérea na zona da antena. Esta mensagem não chegou a ser entregue pois o pessoal daquele Comando não permitiu a entrada a nenhum dos elementos da Guarda, tendo, por isso, sido enviada posteriormente para Tancos através de um estafeta da Brigada de Trânsito, que

RELATÓRIO PRELIMINAR SOBRE O GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DE 11 DE MARÇO DE 1975

só ali chegou quando o golpe já estava totalmente dominado.

— Cerca das 14,45 horas saiem dois pelotões de infantaria do Batalhão n.º 1 com a missão de controlarem, respectivamente, as O.G.F.E. em Santa Clara e os Serviços de Intendência da G.N.R., na Graça. Regressaram aos quartéis, também sem terem cumprido as missões, dado que os responsáveis pela segurança das referidas instalações a isso se opuseram.

— Cerca das 17,00 horas rendem-se os revoltosos e o general comandante reassume as suas funções, tendo momentos antes fugido o general Damião, tenente-coronel Xavier de Brito, major Garoupa e tenente Barros, refugiando-se na Embaixada da Alemanha Federal.

Tanto quanto, até agora, foi possível averiguar resulta que o aliciamento da G. N. R. terá partido do tenente-coronel Xavier de Brito, de resto uma das pessoas que, com maior antecedência, surge envolvido em reuniões com outros conspiradores.

Este oficial que, até pouco depois do 28 de Setembro, prestou serviço na G. N. R., como comandante do respectivo Regimento de Cavalaria, foi quem, na manhã de 11 de Março se apoderou do comando da unidade, perante a passividade do seu comandante legítimo, o major Simões Pereira. Mantinha frequentes contactos com o ex-general e foi ele, quando comandante daquele Regimento, que nomeou o tenente Gouveia de Barros para montar a segurança da residência de Massamá. O tenente Barros parece também ter tido influência determinante nos acontecimentos. O tenente-coronel contacta e leva à presença do ex-general Spínola, na manhã de 10, o major Rosa Garoupa que adere, e que por sua vez, aborda o general Damião (com larga folha de serviços prestados na G. N. R. e até à pouco seu comandante-geral) que se prontificou a "assumir" o comando da corporação. O capitão Lopes Mateus que, com a colaboração de outros oficiais e perante a passividade ainda de outros, prende o seu legítimo comandante-geral, teria sido para isso aliciado pelo tenente-coronel Xavier de Brito, com mais de uma dezena de dias de antecedência.

4. CONCLUSÕES

4.1. Generalidades

Como já foi acentuado, um dos objectivos das forças contra-revolucionárias, nacionais e internacionais, era a tomada do poder político através do golpe spinolista.

A conspiração falhou porque na prova decisiva, a da força, o Povo e o M. F. A. venceram. Numa análise superficial e à distância poderá parecer que demasiado facilmente. Mas não tenhamos ilusões, se o R. A. L. 1 tivesse caído (e no Plano de Operações dos conspiradores não se contava só com 6 T-6, 8 hélis, 6 hélicanhões e 200 pára-queditas) o que de um ponto de vista militar "teórico" não é impossível de conceber, pode por-se a questão se o restante aparelho militar da conjura, mencionado em diversos processos, não teria sido desencadeado. É que se tropas pára-queditas e alguns pilotos puderam ser enganados "a frio" será lógico pensar que outros militares e unidades poderiam com maior facilidade ter sido enganados ou aliciados numa situação real de guerra aberta e inicialmente vitoriosa.

4.2. Razões do fracasso do golpe

As razões essenciais, quanto a nós, assentaram nos seguintes erros de análise:

— Os sectores da população que efectivamente desejam o retorno ao passado são minoritários;

— Foi subestimada a capacidade militar do R. A. L. 1;

— Foi sobrevalorizada a capacidade de mobilização das unidades militares baseando-se apenas na hierarquia formal e tradicionalista;

— Foi subestimada a capacidade política e militar do M. F. A., a capacidade de mobilização de massas e o poder da aliança POVO-M. F. A.

De todos os erros de cálculo cometidos pelas forças reaccionárias estamos porém convictos de que o erro fundamental foi o esquecerem-se que o Povo está de novo a ser sujeito activo da sua própria história, participando em massa nos grandes momentos decisivos da vida nacional, o que se comprovou pela sua pronta, decidida e muito importante actuação na defesa do processo revolucionário.

4.3. Consequências

A principal consequência do golpe contra-revolucionário foi a clarificação da situação política, desbloqueando estruturas que entravavam o Processo Revolucionário. Isto porque foram desfeitas algumas convicções sobre a possibilidade dos sectores reaccionários serem capazes de acompanhar pacificamente um caminhar para o socialismo cuja aparente lentidão foi tomada de fraqueza. Das medidas que se tomaram seguidamente podem destacar-se como mais importantes, a Institucionalização do Movimento e a criação do Conselho da Revolução, as nacionalizações da Banca e dos Seguros e de outros sectores básicos da economia nacional e por último a Plataforma de Acordo com os Partidos Políticos.

Será contudo errado pensar-se que o processo social vai estabilizar-se como que por magia. Os inimigos da actual situação política vão aproveitar todos os seus defeitos, todos os erros que se cometerem na via política e social em curso, para influenciar os vacilantes.

Será de prever que a boicotagem do aparelho produtivo se intensifique por parte da reacção, dos sectores afectos ao capitalismo internacional e de todos os anti POVO-M. F. A. Será de prever também que sectores esquerdistas, pseudo-revolucionários, procurem anarquizar as estruturas empresariais, avancem reinvidicações absurdas ou provoquem desordens. Enfim, será difícil distinguir um dos outros de tal modo os objectivos são semelhantes: voltar a criar as condições propícias ao desencadeamento de novo golpe contra-revolucionário.

4.4. Recomendações

De forma a tomarem-se medidas que correspondam ao avanço do processo revolucionário e dificultem ao máximo futuras acções contra revolucionárias, esta Comissão recomenda:

— Continuação de tomadas de medidas firmes e decisivas que conduzam de forma irreversível e sem tibiezas a uma sociedade Socialista.

— Fomentar e apoiar iniciativas de organização das massas populares que imponham uma disciplina adequada, ordem democrática em todos os locais de trabalho e um efectivo controle do aparelho de produção.

— Saneamento das estruturas do aparelho de Estado de forma a permitir o rigoroso cumprimento das decisões do Governo.

— As forças militarizadas deverão ser enquadradas na estrutura das F. A. de forma a garantir a ordem democrática, actuando ao serviço do Povo Português.

— Promover o saneamento e democratização das F. A., e incrementar a todos os níveis a informação e esclarecimento político.

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 1

RELAÇÃO DOS IMPLICADOS NO GOLPE CONTRA-REVOLUCIONÁRIO

A Comissão de Inquérito que, directa ou indirectamente colheu informações de mais de um milhar de pessoas, apresenta seguidamente a relação dos implicados, até ao momento no 11 de Março.

Conforme se menciona no texto deste relatório continuam as averiguações tendentes à avaliação de responsabilidades de outros possíveis implicados.

É importante esclarecer que para a Comissão de Inquérito o termo "implicado" supõe a intervenção directa ou indirecta no 11 de Março, não significando qualquer juízo de valor que só ao Tribunal Militar Revolucionário compete.

Ex-primeiro-tenente fuzileiro Benjamim Lopes de Abreu (ausente).
Ex-coronel piloto-aviador Carlos António de Quintanilha Reis de Araújo (ausente).
Ex-capitão-tenente fuzileiro Alberto Rebordão de Brito (ausente).
Ex-capitão-tenente Guilherme Almor de Alpoim Calvão (ausente).
Miguel Vilar de Bó S. Champalimaud (ausente).
Ex-segundo-tenente fuzileiro João Catulos Cansado Corvo (ausente).
Ex-major piloto-aviador Jaime Tomás Zuquete da Fonseca (ausente).
Ex-major piloto-aviador António Manuel de Sales Mira Godinho (ausente).
Ex-primeiro-tenente José Maria Silva Horta (ausente).
Ex-major José Eduardo Fernando Sanches Osório (ausente).
Tenente-coronel Alexandre M. G. Dias Lima (ausente).
Ex-major de artilharia Vítor Manuel Silva Marques (ausente).
Ex-brigadeiro Francisco José de Morais (ausente).
Ex-primeiro-tenente Carlos Alberto Juzarte Rolo (ausente).
Capitão Armado Ramos (ausente).
Ex-primeiro-tenente fuzileiro Raúl Eugénio D. da Cunha e Silva (ausente).
Ex-major Carlos Alberto da S. Pinto e Simas (ausente).
Ex-tenente-coronel Vasco Augusto da S. Pinto e Simas (ausente).
Ex-general António Sebastião Ribeiro de Spínola (ausente).
Tenente de cavalaria QC António Gonçalo Canavarro Teixeira Rebelo.
Major de artilharia Fernando José de Morais Jorge.
Segundo-sargento da G. N. R. António Farinha Dionísio Alves.
Soldado da G. N. R. José Rosendo Prates Calado.
Alferes pára-quedista SG Domingos Francisco Marquinhas Camboias.
Soldado da G. N. R. António Joaquim Carrilho.
Tenente pára-quedista Levy da Silva Correia.
Segundo-cabo da G. N. R. José Florival Gens Gomes.
Alferes pára-quedista SG José Valentim Gomes.
Capitão pára-quedista Manuel Bação da Costa Lemos.
Primeiro-sargento da G. N. R. António Ramos Lopes.
Capitão pára-quedista José Manuel Terras Marques.
Capitão pára-quedista Armando Almeida Martins.
Capitão do Exército Eduardo Alberto de Veloso e Matos.
Soldado da G. N. R. Martinho de Sousa Merêncio.
Major Luís José dos Santos Mesquita.
Soldado da G. N. R. António Marvanejo Miranda.
Segundo-sargento da G. N. R. António Mendes Monteiro.
Médico Bernardino José da C. Gonçalves Moreira.
Soldado da G. N. R. José Anastácio Nunes.
Alferes pára-quedista SG Joaquim Manuel Pualino.
Capitão pára-quedista José Manuel Silva Pinto.
Primeiro-cabo da G. N. R. João Quinteres dos Santos.
Primeiro-cabo da G. N. R. Cândido José Teixeira.
Capitão de infantaria Virgílio C. Vieira da Luz Varela.
Capitão piloto-aviador Vítor Manuel Martins Jorge.
Capitão piloto-aviador João Carlos da Silva Calhau.
Tenente milicioano piloto Fernando António Félix Lourenço.
Tenente miliciano José Alberto Gouveia Barros.
Capitão Norberto Crisante de Sousa Bernardes.
Capitão Carlos Alberto Moreira de Bettencourt.
Capitão Henrique de Morais da Silva Caldas.
Tenente-coronel António da Silva Osório Soares Carneiro.
Aspirante fuzileiro António Joaquim Areias de Carvalho.
Segundo-tenente fuzileiro Manuel Maria Perealta de Castro Centeno.
Major da G. N. R. Rui dos Santos Ferreira Fernandes.
Aspirante da Academia Militar Mário Rui Correia Gomes.
Capitão pára-quedista José Maria da Silva Gonçalves.
Aspirante da Academia Militar António Arnaldo R. B. Lopes Mateus.
Segundo-tenente Pedro Henrique Malheiro R. de Meneses.
Capitão-de-fragata Heitor Prudêncio dos Santos Patrício.
Tenente-coronel piloto Sérgio Duarte Carrilho da Silva Pinto.
Capitão de artilharia Rui Manuel Martins Reis.
Capitão-de-mar-e-guerra (Res,) Paulo Manuel B. da Costa Santos.
Major piloto-aviador Joaquim Manuel Matono Cóias.
Capitão de artilharia Carlos Alberto Marques Abreu.
Alferes miliciano piloto-aviador Gil José Vaz Afonso.
Estudante António Maria R. Simões de Almeida.
Tenente da G. N. R. Armando Carlos Alves.
Empregado de escritório Gonçalo B. Correia e Ávila.
Major piloto-aviador Bernardo Manuel Dinis de Ayala.
Primeiro-tenente Nuno Manuel Osório de Castro Barbieri.
Major de cavalaria Nuno Álvaro de Couto Bastos de Bivar.
Furriel miliciano piloto Manuel Rosa Bragança.
Empregado de escritório João Diogo Alarcão de Carvalho Branco.
Segundo-sargento miliciano piloto Jaime Manuel de Melo Brandão.
Capitão piloto-aviador João César França Brogueira.
Tenente-coronel João de Almeida Bruno.
Tenente piloto Adelino José da Silva Cardoso.
Alferes da G. N. R. António Farias Carvalho.
Segundo-sargento miliciano piloto-aviador José Manuel Henriques de Campos Carvalho.
Gerente comercial José Carlos V. S. Champalimaud.
Capitão da G. N. R. José de Almeida Coelho.
Alferes miliciano piloto-aviador Abel Dias Correia.
Tenente da G. N. R. Albino Araújo Corria.
Tenente piloto Agostinho José Barbosa do Couto.
Comerciante António I. Ribeiro da Cunha.
General António Ferreira de L. Freire Damião.
Coronel pára-quedista Rafael Ferreira Durão.
Tenente-coronel de cavalaria Ricardo Durão.
Furriel miliciano piloto António Pedro Costa Quintela Emauz.
Furriel miliciano piloto Raul Augusto Duarte Condessa Falcão.
Tenente da G. N. R. José Alberto Gomes Rosado Faustino.
Tenente pára-quedista José Manuel Duarte Fernandes.
Capitão F. A. Fernando Abel Ferreira.
Major da P. S. P. Luís António de Moura Casanova Ferreira.
Alferes piloto Rui Jofre Soares Dias Ferreira.
Alferes miliciano piloto-aviador Luís Filipe Mateus Palma de Figueiredo.
Tenente piloto-aviador Vítor Manuel Sequeira Fróis de Figueiredo.
Major João António Branco M. da Rosa Garoupa.
Vendedor de automóveis Eurico José da Costa Vilar Gomes.
Agente comercial José Maria da Costa Vilar Gomes.
Coronel da G. N. R. (Res.) José Martiniano Moreno Gonçalves.
Tenente piloto Fernando Esteves Guerra.
Tenente piloto Alfredo Jordão Henriques.
Segundo-sargento piloto Bernardo de Sousa e Holstein.
Major pára-quedista José Henrique Catroga Inês.
Tenente miliciano piloto Joaquim António Norte Jacinto.
Segundo-sargento piloto Adriano Francisco O. Martins Jordão.
Capitão piloto-aviador Mário José Bento Jordão.
Segundo-sargento piloto António José Oliveira Ladeiras.
Segundo-sargento miliciano piloto António Manuel Carroudo Leitão.
Capitão da G. N. R. Fernando José da Câmara Lomelino.
Capitão pára-quedista José Auguto Martins.
Capitão pára-quedista Sebastião José Pinheiro Martins.
Capitão da G. N. R. Afonso Eduardo de M. Lopes Mateus.
Alferes miliciano piloto-aviador José Manuel Ribeiro Mendonça.
Major pára-quedista Joaquim Manuel T. Mira Mensurado.
Coronel da G. N. R. (Res.) Manuel Pereira Espadinha Milreu.
Alferes miliciano piloto José Manuel Belo C. de Mira.
Brigadeiro piloto-aviador Jorge Manuel Brochado Miranda.
Major de cavalaria Manuel Soares Monge.
General piloto-aviador (Res.) Rui Tavares Monteiro.
Segundo-sargento miliciano piloto Carlos Manuel Leite Moreira.
Coronel Carlos José Machado Alves Morgado.
Tenente da F. A. António Rogério Magalhães da Mota.
Major da F. A. (Res.) Luís Aires da Câmara Sá Nogueira.
Alferes piloto Flávio Vítor Paulino Llaurent.

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 1

Capitão piloto-aviador Hermínio de Almeida Oliveira.
Major piloto-aviador João Carlos da Silva Arantes e Oliveira.
Capitão da G. N. R. QC Armindo Fernandes Pereira.
Major da G. N. R. (Res.) Joaquim Simões Pereira.
Major do Exército Teotónio José de Carvalho Ribeiro Pereira.
Capitão pára-quedista João Carlos Albuquerque Pinto.
Tenente da G. N. R. José Manuel Martins Poças.
Major piloto César António Duarte Neto Portugal.
Coronel piloto-aviador Casimiro de Jesus Pintado Abreu Proença.
Major do Exército Manuel Francisco Matoso Ramalho.
Capitão pára-quedista António Joaquim Ramos.
Tenente da G. N. R. Antero Manuel Rebelo.
Major piloto António Martins Rodrigues.
Capitão da F. A. José Neto Pessoa de Amorim Rosa.
Coronel piloto-aviador Augusto Paulo Moura dos Santos.
Alferes pára-quedista Eurico da Silva Santos.
Tenente piloto Filipe de Jesús dos Santos.
Capitão pára-quedista João Paulo Valente Santos.
Tenente da G. N. R. Luís Duarte Quaresma de Oliveira e Santos.
Alferes pára-quedista Fernando Pires Saraiva.
Segundo-sargento miliciano piloto José Carlos Cristão Serra.
Capitão da G. N. R. QC Henrique Fernando M. M. de C. Valério da Silva.
Segundo-sargento piloto João Henriques Pereira Souto e Silva.
Major piloto-aviador José Augusto Valente de Oliveira Simões.
Capitão piloto José Luís Lopo Tuna.
Major ref. Joaquim Evónio Rodrigues de Vasconcelos.
Coronel piloto-aviador José Eugénio Ferreira da Maia Vélhinho.
Capitão da G. N. R. Armando José Abrantes Viana.
Alferes miliciano piloto Jorge Manuel Costa de Oliveira.
Tenente-coronel da G. N. R. Fernando Alberto Xavier de Brito.
Capitão piloto Luís Eduardo de Paiva Faria.
Alferes miliciano piloto Jorge Manuel Pinto de Melo Ramalho.
Segundo-sargento piloto Carlos Alberto Gomes da Silva.
Coronel piloto-avoador (Res.) Durval Serrano de Almeida.
Aspirante piloto Lourenço Abrantes de Carvalho.
Major pára-quedista Nuno António Bravo Mira Vaz.

ANEXO 3

FACTOS RETIRADOS DUM DEPOIMENTO PRESTADO POR UM DECLARANTE QUE SE DIZ AIDERENTE DO M. R. P. P.

1 — Em 11 de Março de 1975 introduziu-se numa Unidade Militar conjuntamente com dois civis, alunos da Faculdade de Direito, utilizando Bilhetes de Identidade roubados e falsos, uniformizando-se postriormente com fardas roubadas.

2 — Declara que a ordem para actuar foi dada na sede do jornal *Luta Popular* e as instruções que lhe foram transmitidas eram as seguintes: roubar para lançar a confusão e a desconfiança entre oficiais, sargentos e praças.

3 — Diz ter participado em reuniões do M. R. P. P. realizadas nas Faculdades de Ciências, Direito e Medicina onde as palavras de ordem foram: apoiar todas as greves dos trabalhadores e lançar o máximo de confusão nas unidades militares, desencadear as maiores confusões antes do período eleitoral de molde a se poder, por todos os meios ao alcance, assassinar diversas individualidades entre elas o Primeiro-Ministro e o Brigadeiro Saraiva de Carvalho.

ANEXO 2

CONTESTAÇÃO DAS DECLARAÇÕES DE RESPONSÁVEIS POLÍTICOS PRESTADAS A ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO ESTRANGEIROS PELO SENHOR CAPITÃO PINTO SOARES

Pinto Soares a um jornal de Barcelona

Típico boato reaccionário a ameaça de uma guerra civil

O capitão Pinto Soares, da Comissão Coordenadora do M. F. A., fez importantes declarações ao jornal «El Noticiero Universal», de Barcelona.

A entrevista, conduzida pelo nosso camarada de Imprensa Mário Ventura Henriques, começa por apontar como justo motivo da abordagem directa àquele membro do M. F. A., as seguintes razões:

«Nas últimas semanas, o Movimento das Forças Armadas tem sido alvo de diversos ataques, nomeadamente por parte do Partido Socialista e do Partido Popular Democrático, que chegaram a publicar, pela voz mesma o direito do M. F. A. a intervir de forma determinante no processo democrático. Essas críticas foram, não poucas vezes, acompanhadas da afirmação de que o M. F. A. está a preparar-se para uma guerra civil. Assim, em afirmativa concedida à imprensa espanhola, o dr. Sá Carneiro, secretário-geral do P. P. D., afirmou que se vivia em Portugal um clima de pré-guerra civil, e, no último número do jornal «Ya», em particular, que «os socialistas subversivos o Pelo da guerra civil». Estas frases (justificáveis, pois, que a primeira pertencia ao conselheiro Pinto Soares inclítico presidencia sobre o Portugal.

«Em período grave da vida da de um país, — «Eu-eu» em resposta —, corrias boatos podem considerar-se contra-revolucionários, sendo, até criminosos.

«E o que se passa com a afirmação, «e» que «Portugal está a caminhar para uma guerra por dois caminhos marcos, de que Portugal se encontra à beira da guerra civil, ou em clima de pré-guerra civil.

«Transmo de uma para outra primeira vez em quase meio século», uma paz firme e duradoura, baseada na aliança entre o povo e as Forças Armadas.

«Não os que pretendem ferir ser crer o contrário que eles, afinal, a cuja o seu direito aos ofícios das forças verdadeiramente revolucionárias, deste País.»

CALÚNIAS

Ao abordar esta hipótese dividir-se-ia as Forças Armadas, o capitão Pinto Soares afirmou, na sequência da entrevista, o seguinte:

«Essas boatos têm surtido efeitos discretos e quem conhecer vista a divisão se instalou-se, e, ainda, a dúvida, nas Forças Armadas. Os seus protagonistas que fazem parte de ambos os lados, as características de certos regimes «Ratisfatórios», e que se acentuou ultimamente sob o «Ratisfatórios» e «Ratisfatórios» e «Ratisfatórios» e

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 6

RELATÓRIO DA DILIGÊNCIA DA G. N. R. EM MASSAMÁ RELATIVA SEGURANÇA DA RESIDÊNCIA DE ANTÓNIO DE SPÍNOLA

- CONFIDENCIAL -

INSTRUÇÕES PARA O PESSOAL DA DILIGÊNCIA EM MASSAMÁ

25

1 . Responda à mensagem que determina a abertura do envelope com a seguinte mensagem:
"INFORMO DIA 27 DO CORRENTE"

2 . TOME AS SEGUINTES DISPOSIÇÕES:
- a . Dobrar as sentinelas e colocá-las nos pontos indicados no anexo 1
- b . Todo o pessoal deverá estar permanentemente pronto para a defesa da residência;
- c . Pessoal dos postos armados de G3 e com uma granada de mão;
- d . Colocar vigias nas janelas da casa destinada ao pessoal;
- e . Só será permitida a entrada a pessoas depois de autorização expressa do Exmº General.Mesmo assim deverá proceder-se a rigorosa identificação.As pessoas autorizadas pelo Exmº General a entrar devem ser acompanhadas desde o portão de entrada à residência e vice-versa;
- f . Controlar as refeições de modo a que não seja reduzido o efectivo dos postos.

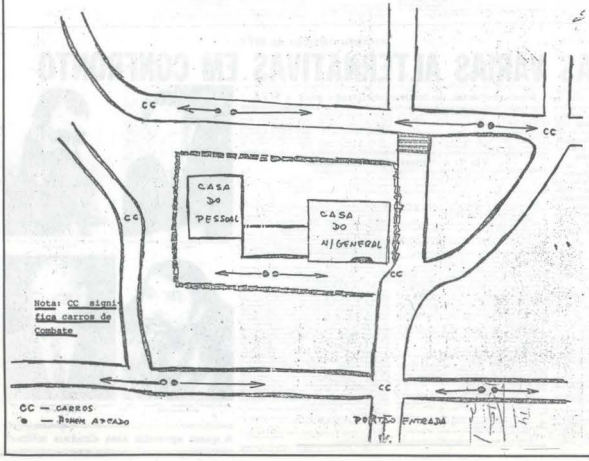
3 . Quando,mais tarde receber a mensagem:"INFORME SE RECEBEU GUIAS DE MARCHA",deve responder:"AFIRMATIVO".
Esta mensagem significa que vai o efectivo aí existente ser reforçado com um Pelotão blindado,pelo que deve tomar as seguintes disposições:
- a . Cinco minutos depois de receber a mensagem,mandar abrir o portão da entrada de modo a permitir que as viaturas entrem o mais ràpidamente possível.Montar,durante a entrada das viaturas,um sistema de segurança junto ao portão e regular o trânsito;
- b . Com a chegada do Pelotão montar o sistema de segurança constante do anexo 2,tendo em atenção que o condutor e o chefe de viatura das autos substituem os postos anteriores.

A partir da chegada do Pelotão o indicativo rádio passará a ser
"L 6 SEPTEMBER"

Sempre que queira transmitir qualquer das mensagens transcritas no verso indique apenas a palavra que as antecede.
Exemplo: Para transmitir a mensagem "TUDO NORMAL" deverá dizer apenas "LEÃO".

LEÃO.....TUDO NORMAL
PANTERA.....PEÇO REFORÇO DE PESSOAL
OVELHA.....ESTAMOS A SER ALVEJADOS
CÃO.....PEDIMOS REFORÇO DE PESSOAL
GATO.....PEDIMOS RECOMPLETAMENTO DE MUNIÇÕES
LINCE.....PEDIMOS VÍVERES
CABRA.....CHEGOU O PELOTÃO BLINDADO
LEBRE.....PEÇO PRESENÇA DE GOLF BRAVO
GATO.....GENERAL PEDE PRESENÇA DE...(dizer nome ou indicativo rádio)
RAPOSA.....PEÇO MÉDICO
VEADO.....PEÇO EVACUAÇÃO DE FERIDOS
COELHO.....CONTACTE POR TELEFONE
LOBO.....PEÇO TÉCNICO DE TRANSMISSÕES
LEÃO.....TELEFONE MILITAR AVARIADO
ZEBRA.....TELEFONE CIVIL AVARIADO
BUFALO.....GENERAL VAI SAIR ÀS...(dizer as horas)
CHACAL.....GENERAL REGRESSOU

PARA TRANSMITIR MENSAGENS CURTAS UTILIZE A LINGUAGEM NORMAL TENDO SEMPRE EM PRESENTE QUE DEVE SER BREVE E APENAS REFERIR O INDISPENSÁVEL



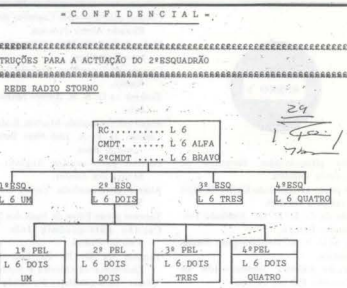
PLANO EXPERIMENTADO EM REGRA NA RESIDÊNCIA DE SPÍNOLA E RESPECTIVAS INSTRUÇÕES PARA A ACTUAÇÃO DO 2º ESQUADRÃO.

- CONFIDENCIAL -

INSTRUÇÕES PARA A ACTUAÇÃO DO 2ºESQUADRÃO

1 . REDE RADIO STORNO

29



2 . REDE RADIO RACAL

CMDT. DO ESQ. ..... GOLF BRAVO
" " 1º PEL..... PAPA ROMBO
" " 2º " ..... ALFA BRAVO
" " 3º " ..... ALFA TANGO
" " 4º " ..... ALFA OSCAR

3 . CONSTITUIÇÃO DO ESQ.
Será formado por uma sec. de comando c/3 viaturas e 4 Pel. sendo o 1º e o 2º constituídos por 5 viat,o 3º por 6 viat. e o 4º pelas restantes.
Pessoal: guarnições completas.Sempre que haja necessidade de actuação de pessoal apeado cada viatura transportará,além das guarnições,2 homens armados de G 3 sob o comando do ten.Leitão Martins.
Caso os efectivos não sejam suficientes,poderá reforçar-se com os 15 homens do RC que constituem reserva.
O 3º PEL destina-se à segurança da residência do Exmo.General Spínola,sob o comando do ten.Taborda.Quando este oficial estiver em posição deve executar o planeamento na posse do sargento da diligência MASSAMÁ.

RELATÓRIO DA DILIGÊNCIA DA GNR EM MASSAMÁ RELATIVA À SEGURANÇA DA RESIDÊNCIA DE ANTÓNIO SPÍNOLA

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

REGIMENTO DE CAVALARIA

ACONTECIMENTOS EM MASSAMÁ (QUE PODEM ESTAR RELACIONADOS COM O LIMITE.

EMGN 5.ª Divi
Recebido em 4/4/75
P.º N.º 172

1. ANTECEDENTES PRÉVIAS

a. Numa quinta em Massamá habitava já há anos o Ex-Gen SPÍNOLA o qual, para sua segurança, dispunha de uma força do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana constituída por:

- 1 Sargento
- 15 Praças
- 1 Ranchéiro

b. Esta força encontrava-se em Diligência por período de 30 dias.

c. Como Chefe de Segurança, organizador e orientador estava pessoa do Ten. BARROS de quem todos dependiam.

d. Dada as características do local área fortemente arborizada, mantinha-se 5 postos de sentinela à volta da residência e ao longo das 24 horas do dia e, desde Janeiro, tinha sido instalado no dispositivo de segurança por armadilhas constituídas por granadas de instrução e fios de arame. Onde a área armadilhada era do conhecimento de todo o pessoal da GNR, bem como os meios empregados.

e. Ao portão da entrada principal da quinta mantinha-se das 18h às 1h um plantão que dava conhecimento ao Sargento cmdt. da força - através de um telefone de campanha, - do movimento de entradas e saídas. À ordem do cmdt. da força e após este contactar com o ex-GEN ou sua esposa era transmitido ao plantão a ordem de sim ou não autorisar a entrada. Depois das 1h às 6h o que se não houver ninguém entrando para sair, o plantão recolhia do portão para uma posição mais próxima da porta da residência propriamente dita.

AO SARGENTO DA DILIGÊNCIA EM MASSAMÁ

ABRA ESTE ENVELOPE QUANDO RECEBER A SEGUINTE MENSAGEM:

25

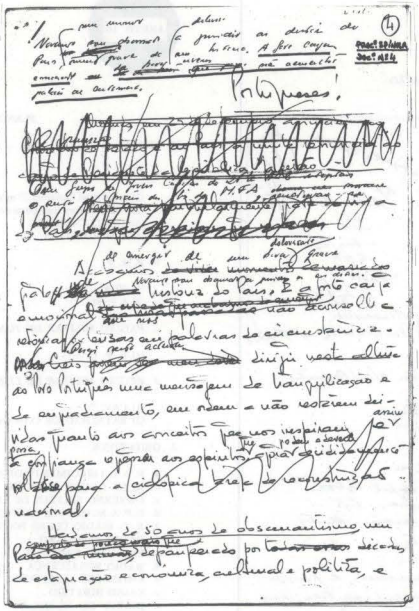
"INFORME PARA QUANDO ESTA PREVISTA A SUBSTITUIÇÃO DA VIATURA AÍ EM SERVIÇO"

E,DE IMEDIATO,EXECUTE AS DIRECTIVAS NELE CONTIDAS

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 7

I FOTOCÓPIA DO RASCUNHO FEITO PELA SECRETARIA COM EMENDAS DE SPÍNOLA.



FEITA PELA COMISSÃO DE INQUÉRITO

PORTUGUESES

Um grupo de jovens capitães do 25 de Abril interpretou o sentir da maioria dos oficiais do M. F. A.

Acabamos de emergir de uma hora dolorosamente grave. **Novamente sou chamado a presidir aos destinos da história do País.** É a forte carga emocional que não nos aconselha a retóricas extensas em palavras de circunstância porque é altura de dirigir ao Povo Português uma mensagem de tranquilização e de enquadramento, em ordem a não restarem dúvidas quanto aos conceitos que nos inspiram.

Herdamos, de 50 anos de obscurantismo um País depauperado por décadas de estagnação económica, cultural e política e sangrado por uma guerra sem fim e sem essência. Fui dos que denunciei, politicamente, e em condições bem na memória de todos as profundas contradições do regime deposto, desencadeando com essa atitude a gesta militar começada com o pronunciamento das Caldas da Rainha e culminada com o Movimento do 25 de Abril.

Aderi ao Movimento desde a primeira hora como a ele aderiram todos quantos desejavam para este País a paz, o progresso e a justiça social que a velha autocracia afastava. Ninguém jámais teve razão alguma para equivocar-se quanto **ao ideário progressista que sempre expendi publicamente.**

A minha adesão, direi mesmo, a minha participação no Movimento das Forças Armadas resultou assim perfeitamente clara, inequívoca e coerente.

Por isso mesmo estive sempre em posição privilegiada para detectar toda a desvirtuação posterior do seu Programa; e durante os escassos meses da minha permanência no cargo de Presidente da República lutei quanto pude para evitar que a boa fé dos meus camaradas, a sua mesma ânsia de liberdade e de justiça fosse usada como instrumento de implantação de nova ditadura. As Forças Armadas e o País aderiram, entusiasticamente ao programa que era de facto, eminentemente nacional. Mas não se pense ser esse o programa proposto por um grupo que se batia nos bastidores pelo controle do movimento.

Já foi divulgado por responsáveis, agora afastados, que o primitivo programa era diferente. Estou agora em posição de revelar ao País que o programa inicialmente proposto ao M. F. A. por um pequeno grupo de oficiais que se infiltrara nos seus quadros directivos, era o programa de um partido político de extrema-esquerda; houve que o banir, substituindo-o por um programa de salvação nacional. E foi este último que concitou a adesão dos militares e do Povo — não podendo consentir-se na tentativa da sua substituição pelo primitivo logo após o triunfo do Movimento. **As especiosas interpretações que ulteriormente se elaboraram sobre o programa conhecido do País não foram mais do que deliberados esforços de regresso ao programa inicial. Dessa traição bem poucos de aperceberam.**

Bem pouca gente neste País conheceu a forma como noutros países os povos foram privados da liberdade em nome da democracia sob a bandeira da luta anti-fascista. O processo em fases de infiltração de elementos da extrema-esquerda nos partidos políticos para os desarticular; a tomada de assalto dos centros de poder das autarquias e dos órgãos de informação; as depurações maciças sob acusações forjadas para intimidar os quadros; o controle dos sindicatos; a organização de milícias revolucionárias armadas na clandestinidade; a provocação da crise económica logo atribuída às facções contrárias; a neutralização das Forças Armadas e policiais; a criação de um clima em que essa extrema-esquerda surge como única voz com expressão; a intervenção ostensiva das milícias armadas; o assalto final ao poder central e a implantação de uma nova ditadura apoiada nos mesmos métodos policiais de terror e opressão.

Devo esclarecer que não estou descrevendo o que se iria passar entre nós mas antes o processo desenvolvido na Checoslováquia em 1946 e 1947. Que daí os Portugueses tirem as devidas ilações.

O País será o que o Povo Português desejar que ele seja. E se os Portugueses desejarem de facto um regime de extrema-esquerda, não será legítimo a isso oporem-se as minorias. Pois que a liberdade de um Povo só será uma causa nobre se esse mesmo Povo a desejar. E a ninguém é lícito libertar outrém contra a própria vontade do libertado. Todavia, tudo se encaminha, tal como noutros lugares do Mundo e noutros momentos, para privar de facto o Povo Português dessa liberdade de escolha, mesmo à custa da destruição do Pouco que restava da ruína que já éramos.

Custou-nos chegar ao que chegámos para acordar do adormecimento em que os falsos profectas da liberdade vieram mergulhando o País desde o 25 de Abril, e mais agudamente, desde o 29 de Setembro. Com o ópio das palavras mágicas e a intimidação, a pouco e pouco, os extremistas envenenaram os espíritos e abriram o caminho do caos. Felizmente, porém, o País despertou. E bem poderemos, nesta altura, celebrar a data que vivemos como retorno à pureza de espírito de 25 de Abril.

Postas estas considerações chegou-se à altura de definir os princípios que nos informam e a nossa expressão do P. T. M. para o futuro.

Pois que o País não pode mais viver de incertezas; e o saber-se com que se conta é hoje essencial ao ressurgimento nacional.

Começarei por afirmar a nossa indestrutível vinculação **ao ideário democrático** que entendo como única via pacífica de actuação de uma sociedade verdadeiramente livre, onde cada cidadão possa dispor da sua pessoa e cooperar com responsabilidade na vida política e social. Sociedade onde a liberdade, a justiça e a solidariedade mútua são valores fundamentais e onde a norma essencial do Estado seja uma democracia que pela sua própria natureza se constitua na via pacífica e construtiva **de um socialismo de iniciativa,** fim último de qualquer perspectiva justa de evolução política, económica e social. Entendo, para tanto, que todo o poder deve submeter-se ao controle público, competindo ao Estado instituir-se guardião da democracia, e impedir que qualquer interesse privado se sobreponha ao interesse geral. Disso será responsável o Governo perante a Nação. Na ordem política depende portanto um **regime parlamentar** com independência dos poderes do Estado e responsabilidade do Governo perante o Parlamento. Estabelecidos desse modo, no pluralismo político e na responsabilidade do Governo, a garantia da legitimidade das leis, defendemos o primado da lei e na ordem, da mais rígida disciplina cívica. Quero com isto dizer que tenho por lícita toda a manifestação de opinião em apoio ou desapoio das leis e medidas dotadas ou dos actos governativos; e como tal considero de extrema utilidade toda a afirmação da opinião pública directa, através da imprensa ou da via institucional. Mas se considero lícito discordar da lei, já não penso que deva consentir-se que a lei seja ofendida ou violada, nem que a ofensa à lei possa desculpar-se sob as liberdades democráticas. Entendo, pois, que se se deve ser democrático na feitura da lei, a democracia exige a mais firme autoridade na exigência do seu cumprimento. Creio pois haver chegada a altura de passar em revista a situação do País.

Na ordem económica, julgo imperioso desenvolver o esforço de adaptação às modificações da estrutura social, em ordem a um desenvolvimento equilibrado. **A propriedade privada dos meios de produção tem direito a protecção e estímulo, pois é aí que reside a ordem natural** e portanto é essa a via para o desenvolvimento acelerado de que necessitamos. Mas não deve esquecer-se que a concentração cada vez maior do capital é uma das características da economia moderna, pelo que se impõe evitar que essa concentração desloque para as grandes concentrações de capital um poder crescente, com tendência para usurpar o poder do Estado. Achamos porém que é através da concorrência das empresas públicas que as tendências monopolísticas podem e devem ser combatidas, sendo a apropriação colectiva conveniente e necessária tão somente quando e onde as relações de forças não possam ser equilibradas de outro modo.

Entendo ainda que a ordem económica deve tender à transformação de cada um em titular privado de um certo capital próprio, através de uma justa e cada vez mais equitativa distribuição dos rendimentos. Para tanto os fins a prosseguir pelo Estado devem contemplar quer a distribuição da acumulação de capital a título de propriedade, que a sua afectação a fins colectivos. A socialização visualiza-se assim por uma crescente intervenção do Estado na economia, intervenção todavia controlada institucionalmente pelos próprios instrumentos da democracia que haverão de desenvolver-se e incentivar-se à luz da sua responsabilidade social: os partidos políticos e sindicatos, em especial estes últimos, a cuja estruturação será dada atenção prioritária.

Eis, nas suas linhas gerais, o ideário que em meu entender me deve inspirar.

Mas o País não pode transformar-se de um dia para o outro; até porque todos estes meses se perderam na consolidação de posições partidárias, em vez de terem sido construtivamente gastos na edificação da democracia.

Somos assim obrigados a alterar, não o calendário inicial, mas os parâmetros em que a Democracia Portuguesa se institucionalizará.

Será proclamado o estado de sítio, que se manterá até ao pleno funcionamento das novas instituições democráticas. Entretanto serão previstas e reformuladas certas leis essenciais, contemplando a constituição e a base dos partidos políticos, de liberdade de imprensa, de exercício de direitos fundamentais, de resolução de conflitos de trabalho, de saneamento da função pública, de funcionamento das autarquias, de recenceamento eleitoral. Estas tarefas serão cumpridas até Março de 1975.

Entretanto iniciar-se-á o processo de eleição para as autarquias locais: freguesia e concelho. Cada eleição será precedida de uma campanha eleitoral de 30 dias prevendo-se que o processo se inicie em Março de 1975, terminando em Julho de 1975. O recenseamento eleitoral deverá portanto terminar antes de Março de 1975.

Em lugar da Assembleia Constituinte, a nova Constituição será votada por referendo. Para tanto, **cada partido político autorizado,** recorrendo às convenções que achar convenientes, elabora a sua proposta de Constituição. As propostas de Constituição, juntamente com o programa do partido Político, a escolha do respectivo candidato à Presidência da República e as suas listas de deputados deverão estar concluídas em Setembro de 1975, sendo nessa data apresentados ao País. **Seguir-se-á uma campanha eleitoral de 60 dias, realizando-se em Novembro de 1975 as eleições gerais em que o Povo Português escolherá de uma só vez, o Presidente da República, a Constituinte por que deseja reger-se, o programa do Governo que deseja executar e os deputados na Assembleia Nacional.**

As novas instituições assumirão os poderes imediatamente após o conhecimento do resultado dessas eleições. Até então vigorará a Constituição Provisória elaborada na decorrência do programa do M. F. A.

Eis, quanto entendi dever dizer ao País. Termino com a garantia formal de que se cumprirão os prazos inicialmente fixados; e de, sem embargo das necessidades imperativas de forma, agora introduzidas, o programa do M. F. A. se cumprirá integralmente nos seus objectivos políticos e sociais.

Chegou então a hora de decisão, a confiança, do trabalho construtivo e útil, da acção. Todos teremos que dar tudo pela democratização e pelo progresso do País. E nessa tarefa nos empenharemos certos que, finalmente, estamos no caminho certo, interpretando o sentir da maioria dos Portugueses e dando desde já o mais seguro penhor de que tudo faremos para honrar a sua confiança.

DOCUMENTOS ANEXOS

ANEXO 8

ESTUDO DA SITUAÇÃO

1. SITUAÇÃO FINANCEIRA
2. CUSTO DE VIDA
3. ASSALTO AO PODER
4. APOIO POPULAR

a. Lisboa
b. Porto

5. LOCAIS DE ACÇÃO

a. **Nossa iniciativa**

(1) Acção principal em Lisboa
(2) Acção secundária no Porto
(3) Acções complementares no Alentejo

b. **Nossa resposta**

(1) Acção coordenada a partir do Triângulo SANTARÉM-TANCOS-SANTA MARGARIDA

(2) Distúrbios em Lisboa

6. ACTUAÇÃO

a. **Até ao dia 20**

(1) Nossa iniciativa
(2) Iniciativa IN com nossa resposta

b. **Até às eleições**

(1) Iniciativa IN com nossa resposta

c. **Depois das eleições**

(1) Interferência IN
(2) Nossa iniciativa

7. FORÇAS AMIGAS

a. **Militares**

(1) Exército
(2) Força Aérea
(3) Fuzileiros
(4) G. N. R.
(5) P. S. P.

b. **Civis**

(1) Norte
(2) Lisboa
(3) Alentejo

8. FORÇAS INIMIGAS

a. **Militares**

(1) R. A. L. 1 (detonador)
(2) COPCON

A serem atacados por AVIÕES-GRUPOS-UNIDADES

b. **Civis**

(1) P. C. P.
(2) Intersindical (sede)
(3) L. U. A. R.
(4) Outros partidos

9. LOGISTICA

Aquisição de:

a. Fardamento
b. Armas
c. Munições

ANEXO 9

A IMPRENSA DENUNCIA A IMINÊNCIA DO GOLPE

RECORTE DO "TEMOIGNAGE CHRETIEN", DE 6/3/75

Spinola prépare un coup d'Etat au Portugal

O Le général *Antonio Spinola*, évincé de la présidence de la République en septembre dernier, a reçu le feu vert de l'ambassadeur des Etats-Unis, *Frank Carlucci*, pour tenter de renverser le processus révolutionnaire amorcé au Portugal. L'ambassadeur américain, qui avait fait un séjour au Chili avant sa venue à Lisbonne, est un membre éminent de la CIA.

Le *général Spinola* aurait obtenu le soutien de *Nixon*. Il devrait faire une visite éclair et secrète à Paris, afin de prendre contact avec certains milieux économiques américains et européens.

Les troupes d'élite du COPCON (Commission pour la défense et la sécurité du territoire), commandées par le brigadier *Otelo de Carvalho*, bien qu'en état d'alerte permanent, ont renforcé leur surveillance et, par mesure de précaution, revoient une-

ANEXO 10

PLANO DE OPERAÇÕES

1. MEIOS

a. B. A. 3

(1) 6 T-6 (com foguetões 37 m/m e metralhadoras)
(2) 8 AL. III para transporte de pessoal
(3) 6 HELI-CANHÕES
(4) 3 NORD ATLAS

b. B. A. 6

(1) 10 AL. III
(2) 6 F. 91

c. REGIÃO MILITAR DE TOMAR

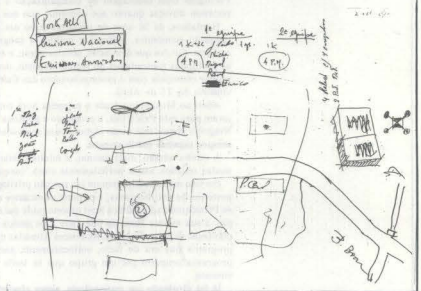
(1) E. P. C.

d. REGIÃO MILITAR DE LISBOA

(1) CAV; 7
(2) BATALHÃO DE COMANDOS

2. OBJECTIVOS

a. R. A. L. 1 (REGIMENTO DE ARTILHARIA LIGEIRA N.º 1)
b. ALTO DUQUE (COPCON)
c. GOVERNO MILITAR DE LISBOA
d. E. P. A. M. (ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR)
e. R. C. (RÁDIO CLUBE PORTO ALTO)
f. RÁDIO TELEVISÃO
g. EMISSORA NACIONAL
h. RÁDIO RENASCENÇA
i. EMISSORES ASSOCIADOS
j. RÁDIO RIBATEJO
k. DIÁRIO DE NOTÍCIAS
l. REPÚBLICA
m. ÁGUAS
n. ELECTRICIDADE
o. S. BENTO
p. PALÁCIO DE BELÉM
q. BANCO DE PORTUGAL
r. SEDE DA INTERSINDICAL
s. CAXIAS
t. TRAFARIA
u. DEPÓSITO DE ARMAMENTO E MUNIÇÕES DE BEIROLAS
v. PAIÓIS DE ALCOCHETE
x. PAIÓIS DE SACAVÉM



ANEXO 11

Mensagem da G. N. R. da responsabilida do general Damião e major Garoupa.

Completando conversa pessoal telefónica informa-se partidos extrema esquerda preparavam próximos dias operação chamada matança da Páscoa na qual seriam eliminados milhares militares civis e elementos policiais PT

Movimento em curso pretende repor sua pureza programa M. F. A. restituindo ao povo verdadeira liberdade democrática PT

Os elementos da G. N. R. seriam eliminados na sua quase totalidade PT

Para além dos destinos da Pátria têm em jogo no momento presente a sua sobrevivência e de suas famílias PT

G. C. G. pensa todos compreendam importância vital sua actuação neutrálizando acção grupos extrema esquerda e apoiando todos os elementos empenhados nessa missão PF